

A Voz dos Quatro Elementos

A HISTÓRIA DA XAMAM ALBA MARIA NOS
ANDES PERUANOS É UMA EXTRAORDINÁRIA
JORNADA DE INTENSAS REVELAÇÕES.



XamAM



xamAM

A Voz dos Quatro
Elementos

4^a edição



Editora Kalango:
fevereiro de 2022

Copyright©Alba Maria, 2022

Copyright©Editora Kalango

4ª edição

ISBN 978-65-89862-07-9



Kalango Design Editorial

Rod Ba 093 Km 07 Cp 029 - Simões Filho, Ba - 43700-000

kdesigneditorial@tutanota.com

www.adorok.com.br

Nota do Editor

Nos escritos da XamAM estão incluídos todos os gêneros, todas as raças, religiões e o que mais houver. Todos são bem vindos: humanos, vegetais, animais, minerais e invisíveis.

A forma gramatical pela qual a XamAM partilha seus ensinamentos é subjetiva, lúdica e poética.

Seus substantivos próprios, comuns e coletivos, assim como seus pronomes diretos e indiretos, alternam o modo operante conforme lhe é sussurrado pelos quatro Elementos: o Deus é Deusa e vice-versa. Ele é mãe e Ela é pai. Tanto em um como em uma a Natureza não encontra contrariamentos.

XAMANISMO

Tradição milenar vivenciada pelos povos que habitavam as regiões mais inóspitas do planeta, o Xamanismo pode ser visto ou vivenciado de duas formas: ou como uma filosofia de vida ou como uma religião. Para mim, que vivencio essa Tradição há mais de trinta anos, vejo-a como uma filosofia de vida mesclada à religião, no sentido mais profundo. A religião do ser com seu próprio Ser.

No processo de mergulho através desse sagrado Caminho, descobre-se que não se pode ser um/a iniciado/a se não se reciclam conceitos, e se não são mudados padrões estabelecidos. Para isso, a iniciada deve compreender que uma nova educação deve ser assumida; é preciso humildemente despir-se da pretensão de conhecer e aceitar a sabedoria dos que já caminharam. Esse é o ponto de chegada e o ponto de partida. Novos processos de comunicação e o aprendizado de um novo alfabeto.

Shaman — ou, brasileiroamente falando, xamã — é um termo vindo do Polo Norte (Sibéria, Alasca) e da Ásia. Uma palavra que, para os povos tungus da Sibéria, significa “aquele/a que sabe”. É aquele homem ou mulher entrando em estado ampliado de consciência, mergulhando, com a finalidade de conectar-se à sua alma na intenção de elucidar (curar) os sintomas (doenças) daqueles que o/a buscam.

Nessa tentativa, o xamã esclarece — seja para uma pessoa, uma comunidade ou uma organização — que o sintoma manifestado representa um desvio, uma ofensa às energias sutis.

Durante todo o meu processo de andanças na Tradição, fui sendo escolhida pelas forças da Vida para percorrer minha própria trilha, para realizar meu Serviço aqui no planeta. Vivi profundamente o deus pai, até que, um dia, dilui-me no colo da deusa, a Mãe Divina, a quem honro e sirvo.

Para os verdadeiros xamãs, o real processo de cura só ocorre quando cada um/a inicia o seu processo de autoconhecimento e vai, cada vez com maior coragem, descobrindo seu lado luz e seu lado sombra. Só nesses momentos — em que se pode olhar no espelho da existência (o outro) e aceitar o reconhecer-se — é que o processo da iluminação ocorre. Dessa forma, a alma pode, então, nos guardar e nos guiar.

Assim diz e ensina a Tradição. Porque assim é.

Setembro de 2018

O CHAMADO DA XAMAM

Com origem em sociedades caçador-coletoras pré-históricas, o Xamanismo é entendido como um fenômeno religioso relativamente espontâneo, de contato aberto e vínculo indissociável com as realidades sobrenaturais — aquelas não acessíveis à razão lógica e aos sentidos objetivos comuns. Desenvolveu-se ao longo de milênios não como sistema religioso formal, dogmático, mas sobretudo como corpo mítico-espiritual vivencial e processual — só se é xamã sendo. Na tradição, a xamã é aquele que transita conscientemente entre os mundos material e imaterial através de diversos ritos e técnicas de alteração da percepção e dos sentidos. Em êxtase, a xamã vive um estado expandido de consciência pelo qual adentra lucidamente dimensões espirituais da realidade em busca da visão, da cura, da profecia e de diversas outras categorias de ensinamentos e tarefas. No estado alterado de consciência, a xamã percebe o que outros não veem, mas a finalidade de seu trabalho está essencialmente ligada ao serviço coletivo.

Apesar da difusão do fenômeno xamânico em todos os continentes, sua expressão mais singular encontra-se entre os povos da Ásia Central e Setentrional (altaicos, buriatas, iacutes, tungues, etc.) e das regiões árticas norte-europeias, em especial os lapões.

Mircea Eliade situa o xamanismo para além dos limites da História, pois, para ele, "(...) o xamanismo parece ser um fenômeno primordial, isto é, pertence à humanidade, enquanto tal, e não ao Homem enquanto um ser histórico". Nessa abordagem, a xamã

pode ser vista como um arquétipo do sagrado que acompanha a humanidade desde as origens. Assentado no núcleo atemporal da condição humana, por outro lado, também vive radicalmente a história e a geografia do mundo.

Na cosmogonia dos povos tradicionais e arcaicos, a tarefa do xamã é fundamental: possibilita tanto a manutenção da ordem humana e geo-histórica da tribo quanto o vínculo transcendente com a realidade geo cósmica presente nas simbologias, mitos, ritos e crenças de sua tradição. Portanto, o aparecimento de uma nova xamã é fundamental na continuidade material e imaterial-valorativa de seu povo.

Na Tradição, o xamã não escolhe, é escolhido.

Imersa no universo do sagrado, ela obedece a um chamado originário, uma inspiração de caráter eminentemente espiritual. Em muitas culturas, a ideia principal por trás do recrutamento de um novo xamã é de ela ter sido escolhida pelos deuses, antepassados ou espíritos. Mais do que (ou antes, de) representar sua vontade pessoal, o xamã está ligado, na origem, a um compromisso com uma realidade de ordem metafísica. Para ela, o chamado é uma demanda com a qual terá de se deparar inexoravelmente. Não se trata de uma opção entre tantas outras, como hoje se escolhe profissões no mercado de trabalho. Ela carrega um dom espiritual forte e inconfundível. Para exercitá-lo, terá de se entregar sem restrições. Esta é uma espécie de força da qual ele só se assenhorará na medida que a ela se render. O chamado é inexorável.

Antes da iniciação, porém, vem a inspiração. O chamado é identificado por sinais ou marcas de cunho anímico, cujo poder se revela primeiramente na psique do indivíduo e, em seguida, é recebido por seu grupo como um fato transpessoal. Por seu caráter

sagrado, a despeito de ser intransferível, há de ser reconhecido como um bem para todos.

Os sinais são múltiplos e se transformam em provas iniciáticas a partir das quais a xamã começa a adquirir seu poder. São diversas as categorias de experiências, normalmente traumáticas, em que seu dom começa a se expressar: fortes doenças, experiências de quase-morte, acidentes com raios, mordida ou picada de animal, fortes acidentes, entre outras. O que o diferencia das outras pessoas é essa capacidade de obter força, visões e poderes espirituais de experiências extremas, usando-os correntemente. Não é a experiência que torna alguém xamã, mas o dom, o poder descoberto por meio dela. Uma vez iniciada, é o indivíduo e sua função, a pessoa e o serviço que presta a seu povo, com todos os vínculos e atribuições envolvidos nessa tarefa.

No Xamanismo tradicional, há uma cultura tribal e uma linhagem mítica que ligam o eleito às Origens. O chamado e os sinais de identificação de um xamã são creditados aos espíritos e antepassados, portanto, são apodícticos. Fundamentam-se em uma verdade transmitida e confirmada durante gerações e gerações. Todo novo xamã é assim visto, como a possibilidade de renovação de um acordo primordial efetuado com os deuses e seus antepassados primevos, os fundadores do mundo, criadores da raça humana e de sua tradição.

Tornar-se xamã implica uma entrega incondicional que conduz a aprendiz ao caminho da ascese e do êxtase espiritual, do sacerdócio e da cura, da sabedoria e da imersão no conhecimento dos mundos supra-humanos descritos no conjunto sapiencial de seu povo. Esse processo pressupõe tanto um ganho de poderes mágico-espirituais quanto um compromisso irrevogável de utilizá-los para o serviço de sua gente, segundo orientação e ditame dos

guias espirituais e antepassados. A despeito das muitas formas (dolorosas) de iniciação que deverão ocorrer e de tudo que viverá nessa jornada, ele sabe, ou pelo menos é socialmente acordado, que deve aceitar o chamado. Eis a repreensão dada por um xamã mais velho, Trovão Retumbante, à dúvida do então aprendiz Médico Urso-Pardo do Lago em seguir o caminho de Curador nativo:

Não se trata de uma escolha sua. Você não tem o direito nem a autoridade para interferir nos desígnios do Criador. Foi escolhido para se tornar um Curandeiro muito antes de encarnar nesta Terra. É seu dever e responsabilidade atender ao chamado. Caso contrário, ferirá sua família, seu povo, bem como o funcionamento e o propósito espiritual do Universo. Certamente é uma vida muito dura. [...], Mas o Grande Criador sabe, a Mãe Terra conhece e as suas legítimas afinidades na Natureza também percebem. As diversas pessoas de múltiplas posições e níveis sociais que você curar, ajudar e ensinar também reconhecerão e, primeiro, o que é mais importante: você saberá. Quando as situações cruciais se abaterem sobre você, terá de sorrir e suportar tudo.

Nessa perspectiva, o chamado xamânico seja uma experiência que vincula, na psique do indivíduo, vivência pessoal e transpessoal; por isso mesmo, xamãs mais velhos e aprendizes estarão sempre lidando com o inesperado. A partir da consciência aberta e expandida, a xamã é colocada diante de um portal inexorável: “Decifra-me ou te devoro”. Nas iniciações e em sua jornada de curador e viajante entre mundos, a xamã estará sempre lidando com suas sombras e demônios, em permanentes processos iniciáticos de morte e renascimento. Esse é um fato bastante conhecido. As dimensões do Mistério estão carregadas de inconstâncias e inseguranças que serão partes constituintes de sua vida. Os xamãs experientes já conhecem esses fatos e não mais os

temem, pois, vivem suas iniciações até o limite. Nesse universo, existem muitos embusteiros e situações bizarras que podem lhe causar algum dano. A xamã, e mesmo a aprendiz, deverá saber reconhecer essas armadilhas para identificar quando um desafio espiritual é verdadeiro ou apenas miragem, projeção de suas ilusões ou de espíritos maléficos.

A vida da xamã é uma vida de desafios — duras provas iniciáticas que terá de enfrentar, inclusive a não compreensão ou o escárnio de sua gente.

Em muitas comunidades, dados os atributos do seu ofício, por estarem voltados — em boa parte do tempo — para as realidades dos seres invisíveis e dos mortos, eles sabem que se rão reputados como figuras esquisitas e distantes. Ao aceitar o chamado, o xamã concorda em estar no núcleo de um contexto marcado por um chamado divino. No contexto originário, a aprendiz de xamã, uma vez iniciada, é o indivíduo e sua função, a pessoa e o serviço que presta a seu povo, com todos os vínculos e atribulações envolvidos nessa tarefa. Concorde em ser aquela que criará pontes entre o mundo profano e o mundo sagrado, com o propósito de curar e guiar. Toda xamã estabelece uma aliança com as forças telúricas e cósmicas que compõem o universo mítico-transcendental de sua cultura, servindo como grande decodificadora e mediadora de sua estrutura arquetípica e simbólica.

Alba Maria é uma xamã, a XamAM, como hoje é conhecida e reconhecida. Contudo, muito antes de nascer, nos percursos infinitos de sua alma, o Universo já a havia escolhido para estar aqui, neste tempo, conosco, agregando, inspirando tantos e curando tantos outros. Alba vive como xamã na contemporaneidade, momento em que desafios humanos, ecológicos e civilizatórios apresentam uma significância singular e

radical. O materialismo, o racionalismo, o consumismo, os valores efêmeros, a vida e da morte, a doença e a cura se distanciaram da sacralidade antiga. Existe hoje uma necessária renovação na forma e no sentido de ser do xamã. Como compreender a cura em um mundo em que nem mais tocamos o chão com nossos pés? Onde exponencialmente cresce a assepsia, o condicionado, o artificial, o cálculo e o lucro em nossa relação altamente perniciosa e destrutiva com a Natureza, com seus elementos e co nosco? No contexto civilizatório contemporâneo, a doença do humano e a doença que impingimos a nós e à Terra é a mesma. A XamAM sabe disso.

Portanto, a despeito de seu vínculo alquímico com as tradições humanas, hoje, o significado de seu serviço é outro, a cura é de outra ordem. Para a XamAM, o processo de cura, seja em que nível for, está diretamente ligado ao autoconhecimento e à necessidade do profundo e reverente vínculo, sensorial e espiritual, com a Natureza — Pachamama, a Grande Mãe, Deusa Mãe, Mãe Terra. Como xamã, seu serviço maior é levar as pessoas a encontrarem o sentido de suas existências aqui na Terra, neste tempo de profundo desenraizamento e desterro. Nesse sentido, a cura passa necessariamente pela redescoberta das ligações mais profundas de cada um/a com os elementos da Natureza, por um aprofundamento e do reconhecimento de seus vínculos primordiais com o Cosmos. Para ela, cada célula de nosso corpo consegue recordar esses vínculos estreitos e originários com a Terra e, em belo padrão fractal, nos ajudar a reencontrar nossa verdadeira jornada neste mundo.

Alba Maria não nasceu nem cresceu no berço de qualquer tradição milenar, autóctone ou tribal. Nasceu em contextos simples, mas modernos, no interior do Estado de Alagoas, nordeste brasileiro. Não obstante, neta de índia, Alba Maria passou grande

parte de sua infância de forma atípica. Acometida por forte asma, foi privada de usufruir as brincadeiras e a vida movimentada peculiares a uma menina de sua idade. À época, na primeira infância, seu dom espiritual lhe aparecera inusitadamente e despercebida (para si e para os seus). Foi nesse período que começou a mergulhar em seus universos interiores, aprendendo o caminho de ida e volta entre as realidades visíveis e não visíveis. Seu processo de cura realizado por um curandeiro local aconteceu em um típico ritual nas cinzas da fogueira de São João. Ali se mostrou um primeiro sinal de sua relação com um modo peculiar de espiritualidade brasileira que, na vida adulta, ampliou-se para se tornar planetária. O importante é que, naquela fogueira de São João interiorana, sua experiência de cura atestou um compromisso que, desde cedo, os elementos da Natureza selaram com sua alma. Menina obediente, em sua pequenice, intuía o significado daquele encontro — ainda que desvelado plenamente apenas muito mais tarde, ali sua jornada xamânica começara.

Seu ser xamânico-curador se resguardou muito tempo em sua alma, enquanto crescia em idade e aprendia com o mundo. Em sua vida familiar e profissional, os sinais de seu dom já se manifestavam espontaneamente. Sempre demonstrando grande prontidão e zelo, Alba Maria, junto a seus seres amados, criou uma grande família, cuidou de uma pequena fazenda, entrou na universidade e se formou em Psicologia. Ampliou seus estudos terapêuticos, incluindo diversos modos sapienciais de cura, como florais, naturopatia, vegetarianismo, danças circulares, sabedoria esotérica, ioga, dentre tantos outros.

Já crescida, senhora de si e aprendiz do Destino, o chamado xamânico foi gradualmente se desvelando para ela, na mesma medida que sua Guiança Espiritual, sua intuição e sua conhecida

impetuosidade lhes assinalavam os passos da jornada. Viajou por terras ancestrais bebendo de fontes cristalinas da sacralidade humana e da Natureza: Chipre, Peru, Índia, Itália, Alemanha, Leste e norte da Europa, norte da África, entre tantas outras. Nas trilhas percorridas, passou por diversas iniciações com xamãs e mestres, os quais, lentamente, foram lhe revelando seu próprio destino de xamã e de mestra. Nasceria para ensinar, curar e agregar gente em torno de um propósito maior de cura humana e planetária.

Conheci a XamAM no final da década de 1980, ainda como terapeuta naturista. Nós nos conhecemos em uma sessão e, no desdobrar do tempo, aquela mulher se tornou uma das principais referências de sabedoria e amor em minha vida. Estávamos em um momento do dar-se conta da necessária ampliação da consciência, de purificação e de ressignificação de nossos corpos e hábitos em torno da visualizada mudança planetária. Lembro-me que, durante o ano de 1990, Alba Maria propôs para um grupo de pessoas próximo a ela algumas vivências na Natureza; dentre elas, quatro com foco nos elementos sagrados — Água, Terra, Fogo e Ar. Fomos apresentados à então Fazenda Mirim, lugar onde criara seus filhos e que mais tarde se transformaria na sede da Fundação Terra Mirim Centro de Luz, nascida de sua inspiração. Na época, praticamente não se usava a palavra Xamanismo na Bahia. Fora dos contextos das comunidades e dos povos tradicionais, práticas terapêuticas desse tipo eram raras, circunscritas a bem poucos grupos, especialmente no Capão, Chapada Diamantina. O centro e comunidade Lothlorien era um deles, com o qual Alba comungava. Não foi por um nome ou por buscar uma nova experiência que estávamos ali. Primordialmente, desejávamos adentrar mais, com força, nossos próprios mistérios e os mistérios da Terra. Alba Maria, a XamAM, era a nossa guia.

Foram encontros radicais e plenos, em todos os sentidos. A ousadia daquela mulher, em diálogo profundo com nossos seres e com os elementos da Natureza, nos levou a aventuras até então desconhecidas. Alba era pura inspiração e conexão: firme como toda xamã, flexível como toda sábia. O que ela propunha era algo simples: fogueiras, lagos, rios, barrancos, barro, nuvens, terra, montanhas, árvores, pássaros... caminhadas, procedimentos naturopáticos, meditações, arte e práticas xamânicas. Em tudo, os elementos se apresentaram em seus poderes mais benevolentes. Em nós, a força despertada pelos elementos fez nossas almas mergulharem fundo, nossos seres voarem alto, saltarem abismos, transmutarem sentidos e sentimentos. A explosão do brilho da vida em cada um/a de nós. Naqueles encontros, senti que meu ser relembrou um antigo pacto, um encontro sagrado com aquela mulher e com o lugar onde é hoje a bela comunidade Terra Mirim. Meu coração fora naquele lugar colocado pela Guiança da XamAM. Igualmente, cada uma e cada um viveu momentos de honesto reencontro consigo mesmo, experiências de cura pela presença e profunda relação de unicidade entre Alba e os elementos da Natureza.

Ao longo de décadas, continuamente e ininterrupta, a XamAM permaneceu ajudando milhares de pessoas a encontrarem seus caminhos na Vida, em diversos sítios sagrados do mundo, em especial em sua amada Mirim. Para aqueles/as que desejam aprofundar suas iniciações xamânicas, Alba continua a mestra de todas nós, e ainda mais intuitiva, criativa e amorosa. “A essência permanece a mesma, Joseh”, disse-me ela recentemente. Ademais, a liderança comunitária e ancestral da XamAM inspirou e instituiu a Comunidade-Fundação Terra Mirim, com forte teor de engajamento sociopolítico no território do Vale do Itamboatá, onde, desde

sempre, viceja como Centro de Luz. Sussurrando mensagens e procedimentos de cura, onde quer que vá, a XamAM teceu uma bela teia de buscadores em torno da consciência de si mesmos e do planeta no Movimento Terra Mirim — pela ampliação da consciência cósmica humana, pelo zelo à Pachamama e pelo fortalecimento da ecologia integrativa planetária. Alba Maria é uma guardiã da Tradição da Mãe Terra, a qual se reatualiza e se ressignifica em cada voo livre de um pássaro qualquer da tribo, em cada canto do planeta, unindo passado, presente, futuro.

A XamAM acolheu seu chamado ancestral; soube honrá-lo e transmutá-lo para vivê-lo nesses nossos dias de tantas crises e inquietudes em todos os campos das sociedades humanas. Cuidadora da Fonte Sagrada da Mirim, ela soube fazer crescer a dádiva que recebera e colocá-la a serviço daqueles que a procuram e se sentirem chamados a vivenciar sua sabedoria trans temporal. Assim, falar de Xamanismo e de Alba Maria é, além de compreender a integridade e a vivacidade de sua jornada, observar os reflexos de luminosidade por ela lançados e espe lhados nos corações e vidas de tantos que foram tocados por sua maestria. É ver jardins, bosques e florestas crescerem onde vigora seu saber e seu trabalho. Estando próximo por tanto tempo de seu caminho, eu a vi, dia após dia, se transformar numa grande árvore de copas majestosas, numa estrela de brilho único, num rio que se dilui no oceano até ser, ele mesmo, o próprio oceano.

Gratidão e afeto sempre, Alba.

Minha devoção,

Severiano Joseh

Sumário

A FLOR DE OURO

A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS

ELEMENTO ÁGUA

ELEMENTO TERRA

ELEMENTO FOGO

ELEMENTO AR

PALAVRA FINAL

A XAMAM

A FLOR DE OURO

Os conselheiros de Hassun, o Rajá, persuadiam-no a visitar a sagrada Cordilheira das Sete Montanhas. Lá vivia Dana, o anacoreta, que diziam possuir uma flor de ouro que vingara em terreno próximo à caverna onde habitavam vários viajantes, dos mais simples aos mais nobres. Todos haviam, inutilmente, tentado colher a misteriosa flor.

Segundo a lenda, havia no seu âmago um licor mais doce do que o néctar dos deuses, mais poderoso do que a divina soma e capaz de concretizar todos os desejos daquele cujos lábios o tocassem.

Atento às sugestões dos conselheiros, Hassun resolvera ir ao local sagrado para se apossar da preciosa joia. No entanto, seria necessário organizar uma grande caravana, pois, além das grandes distâncias a vencer, a travessia das selvas apresentava os mais imprevistos perigos.

A caravana, composta por muitos súditos, atravessava as enormes florestas do reino do Nepal em direção às cordilheiras sagradas. À frente, os batedores, agitando guizos freneticamente, procuravam afugentar os ferozes habitantes da selva espessa. Destros guerreiros, armados de afiadas lanças, vigiavam, de cima dos elefantes, o cimo das gigantescas árvores. Em cada galho poderia estar um leopardo, que, como um raio, se jogaria sobre os intrusos. À noite, os homens acampavam em clareiras à espera da luz do dia. Em meio às barracas armadas para o repouso noturno,

erguia-se, em tom mais luxuoso, a tenda de Hassun. Quatro guerreiros revezavam-se na guarda ao sono do nobre senhor. Numa dessas noites, com o espírito impregnado das profundas vibrações da imponente floresta, Hassun deu vazão ao pensamento. O licor... O licor era a única coisa em que pensava agora. Viveria ébrio de felicidade.

De que lhe adiantava um luxuoso harém se não tinha amor? De que lhe serviam tantas joias e palácios se sua alma habitava uma humilde choupana?

Se colhesse a flor, mais poderes teria, mais riquezas, mais terras, palácios, e todos os seus desejos secretos seriam realizados. Se já era um nobre entre os nobres, seria um deus entre eles. Arrancaria do caule sagrado a misteriosa flor. Não seria um sannyasin solitário que haveria de impedir-lhe a felicidade absoluta. O Rajá sentia apertarem-lhe no peito os incontáveis laços da ambição.

Durante várias luas a caravana seguiu através dos mais variados caminhos.

Chegando às fraldas da Montanha Sagrada, Hassun escolheu, entre os mais bravos servos, aqueles que deveriam acompanhá-lo. O restante da expedição o esperaria no imenso vale que precedia a zona montanhosa. Os mais penosos obstáculos opunham-se à sua marcha, mas a vontade de Hassun sobrepujava todos os empecilhos.

Chegaram, depois de alguns dias, ao local indicado. Um homem de longas barbas brancas, sentado à sombra de um majestoso sândalo, olhava absorto a infinita luz do firmamento. Os ruídos provocados pela chegada do Rajá não lhe alteraram sequer a posição. Uma tranquilidade sobrenatural envolvia tudo ali. Dirigindo-se a ele, Hassun falou:

“Levanta-te, sannyasin. Estás na presença de Hassun, o Rajá, que te deu a honra de vir aqui para colher a misteriosa flor que dizem possuíres.”

Dana levantou-se e, respeitosamente, curvou-se dizendo:

“Eu vos indicarei o caminho, senhor, mas não sei se já possuis os predicados necessários para colhê-la.”

“Minha melhor conselheira é a adaga, sannyasin. Tanto na guerra como na paz todos me respeitam. Sou forte e poderoso, e em minhas veias corre o sangue da mais pura nobreza” — assim falava quando Dana apontou-lhe a flor. Perdida no meio das ervas humildes, qual majestosa rainha, erguia-se uma flor de estranho brilho, irisando feericamente os sete raios do Sol. Sua delicada haste, mergulhada na água barrenta, parecia ali ter sido colocada por mãos humanas.

Hassun ficou extasiado. No cálice frágil encontrava-se o segredo da completa bem-aventurança. Estendeu a mão, aflito para colhê-la. No entanto, surpreendeu-se. Por mais esforços que empregasse, a flor não cedia aos seus desejos. Puxou a adaga, e o aço da lâmina foi impotente para abater o frágil sustentáculo da brilhante flor.

Ao seu lado, Dana observava.

“Que devo realizar para colhê-la?” — perguntou-lhe o Rajá.

“Não o conseguireis, nobre senhor. A raiz desta flor está presa às profundezas que as enxadas dos vossos servos não conseguirão alcançar. Sua haste é inquebrantável, e só cederá às mãos daquele que satisfizer as condições impostas pelos gênios que a fizeram desabrochar.”

“Quais são as condições?”

“Tereis, nobre senhor, de extirpar do vosso ser quatro ervas daninhas: o egoísmo, a vaidade e o ódio.”

“Mas disseste quatro, ó sannyasin, e só citaste três” — disse, irônico, o Rajá.

“A quarta erva, nobre senhor, vós mesmos tereis de descobrir, pois, só assim havereis de adquirir mérito para beber o licor da completa bem-aventurança” — pronunciou Dana, curvando-se respeitoso diante do altivo Rajá.

“Modificarei o meu íntimo”, respondeu-lhe Hassun, “pois o licor mágico bem vale o sacrifício exigido. Voltarei e terei de possuí-la.”

Diante do anacoreta, o Rajá reuniu os guerreiros, iniciando a volta aos seus imensos domínios.

Muitas luas se passaram e, depois da mais estranha luta contra seu próprio eu, Hassun achou haver chegado o momento de voltar à presença do anacoreta.

Enfrentou o cansaço da viagem e combateu os mais variados perigos na ânsia de colher a sublime flor. Após muitos dias de peregrinação, achava-se novamente na presença do extraordinário sannyasin, para quem o tempo e o movimento pareciam brincadeiras do Destino. Hassun, mais respeitoso, dirigiu-se a Dana e pediu licença para colher a flor. Vencera o ódio, o egoísmo e a vaidade. Agora, com o íntimo purificado, sentia que a haste da flor se quebraria ao simples contato da sua mão.

Encaminhou-se ao local que já conhecia e, antes de partir a flor, acariciou-a voluptuosamente. A mesma resistência da primeira vez lhe foi oferecida. O caule da flor continuava inviolável. Desalentado, Hassun pediu ao anacoreta que lhe explicasse a causa daquele insucesso.

“Ainda tendes, ó Rajá, vincadas no coração, as raízes da quarta erva daninha. Deve a extirpeis.”

Hassun contou-lhe os sacrifícios que fizera para matar o egoísmo, o ódio e a vaidade. Sofrera dores no corpo e na alma. Era acusado pelos guerreiros de ter fugido das guerras por medo da luta. Ignomínias e invectivas de toda espécie eram assacadas pelo povo ao seu modo de ser. Tudo isso agora parecia-lhe perfeitamente inútil.

“Para discernir a realidade, nobre senhor, a mente deve ser poderosa e liberta do medo. O processo de libertação exige sacrifícios dolorosos, pois o homem, cativo de sofrimento, sente invariavelmente os reflexos da vontade desse tirânico senhor. Ao compreenderes integralmente esse processo de libertação, tereis encontrado a chave que vos permitirá colher a flor de ouro.”

Hassun mais uma vez voltou aos seus soberbos palácios. Anos e anos se passaram e, em um dia de Sol brilhante, reapareceu na caverna do anacoreta.

Chegara só. Seu aspecto cansado e sujo traduzia os sacrifícios que fizera para ali estar. Vinha humilde e sem pompas. Dana parecia esperá-lo, pois dessa vez viera recebê-lo, e um discreto sorriso dava-lhe um aspecto quase sobrenatural. Hassun sentou-se junto a ele e explicou por que viera.

“Após ter extirpado do coração as três ervas daninhas, percebi quão inúteis são as pompas da corte, quão cruentas as guerras em que me empenhara, quão ilusório o fausto que me cercava. Percebi ainda que a maledicência, a inveja e o ódio era os inimigos prediletos dos meus súditos e conselheiros. Diante de tudo aquilo, sem poder sequer descobrir a quarta erva que deveria extirpar, resolvi abandonar aquele mundo e para cá vim, com o intuito de ficar para sempre. Pela flor de ouro, causa de todas as minhas lutas, perdi o interesse.”

Cada palavra que saía dos lábios do Rajá traduzia profunda convicção. Dana acercou-se dele e revelou mansamente:

“Já podeis colher a flor de ouro, irmão Hassun. Extirpaste a quarta erva daninha. Mataste a ambição. Apressai-vos em quebrar o caule sagrado.”

O Rajá não mais a desejava, porém, foi colhê-la apenas para atender ao pedido do sábio. Para que possuir a flor, se ao seu lado passaria o resto da sua existência? Tomou mais uma vez entre as mãos a divina joia e, diante dos seus olhos atônitos, a flor transformou-se num fino pó dourado que lhe escapou entre os dedos, confundindo-se com a poeira da estrada, como se as mãos invisíveis das sílfides a tivessem diluído misteriosamente. Hassun olhou interrogativamente para o anacoreta, que lhe disse:

“Debruçai-vos na margem do regato e olhai nas águas cristalinas o reflexo de vossa figura.”

Hassun obedeceu.

A água refletia nitidamente sua imagem. Notou, porém, que seu corpo se tornara transparente, e que a flor de ouro, agora muito mais brilhante, refulgia esplendorosamente dentro do seu próprio coração...

A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS

“E agora chegou a vez de colocar no mundo a nossa voz”, disseram-me os quatro elementos da natureza que eu acabara de receber em uma iniciação profunda, xamânica por essência. Há muito tempo sabia — recebera em meditação — que um dia falaria pelos meus Avós. Afinal, todas as minhas iniciações foram sendo feitas por meio da total conexão com a Natureza. Sempre vivi experiências em que nada tinha lógica; uma espécie de non sense povoou continuamente minha vida. Gradualmente fui decodificando onde estava meu caminho e em que filosofia eu poderia me sentir acolhida. Descobri o Xamanismo, seus ensinamentos, e neles mergulhei sem poupar nada de mim. A cada elemento da natureza ao qual eu me rendia, via minha alma celebrar em êxtase o instante vivenciado. Tudo me fazia sentir ser uma Xamã; depois de tantos caminhos percorridos por este planeta que reverencio com todo o meu ser — a Terra —, assumi e assumo a responsabilidade pela minha escolha de vida. Vivo com um único propósito: servir à humanidade. Servir àqueles que buscam algo mais que viver uma vida repetitiva; servir àqueles que sentem que viver está além de comer, trabalhar, ter uma relação sexual sem graça e vazia. Sirvo àqueles que querem aprender abrir o coração, àqueles que querem mergulhar no profundo de si, entrando em contato com suas sombras e demônios internos para assim poderem transmutar e descobrir o amor em sua plenitude.

Não sirvo a egos. Para mim, eles são fúteis, inconsistentes e caprichosos. Sirvo aos corações. Talvez por isso assuste a tantos, porque, quando cada um entra em contato intenso com seu coração, tudo que está fora — instituições, crenças, padrões — não mais amedronta. Exerce-se o real poder sobre si. Quando padrões se quebram, exerce-se o sim e o não com soberania singular. Cada um se torna senhor e senhora de seu próprio ser, sabendo o que quer, onde deve ou não ir. Se é livre.

Para chegar a essa trilha, caminhei e caminho muito. Viajei por muitos países desta Terra e, em cada um desses lugares, eram confirmados o meu propósito e a sabedoria que trazia em mim. Muitas vezes amedrontei-me diante dessa sabedoria de que me falavam e que sentia. Depois, com o passar do tempo, vi que esse medo era mais uma das ciladas daquele que denomino personagem superfície, e que a maioria das pessoas chama ego. Enquanto estivesse servindo ao senhor do medo, não exerceria a sabedoria e não realizaria o meu propósito. Personagem esperto esse meu! Fazia-me pensar durante dias e dias, travestido de meu eu divino, que eu estava com medo, que não era digna, que era fraca... Até o dia em que pude tirar a máscara, ampliar minha consciência e dizer: EU SOU.

Desde que flagrei esse jogo cruel, comecei vagarosamente a compreender, por meio do meu coração, que não possuía a Sabedoria; ela é que me possuía; que não possuía o Amor; ele é que me possuía. Ah, Grande Fonte! Na verdade, nada possuo, nada tenho. És tu que me possuis, me tens; a ti, meu/minha Amado/a, rendo-me e entrego minha espada de guerreira, indo a teus pés para servir como um/a amante serve a seu/sua amado/a: absolutamente confiante, absolutamente rendido/a.

Minha dedicação ao Serviço é total. Em nenhum momento duvido dos ensinamentos do meu coração e dos caminhos que ele me diz para seguir. Apesar das críticas e dos julgamentos, sigo minha trilha sabendo que o mais importante é continuar concretizando a escolha que minha Guiança indica. Assim, posso ser feliz e distribuir essa felicidade a todos que estão vinculados de alguma forma a mim.

Por quantas trilhas caminhei? Inúmeras! Quantas vidas vivo neste momento? Incontáveis... Sinto-me uma mulher que sabe do seu propósito e dele não abre mão. Essa, talvez, seja a diferença mais marcante entre mim e tantas outras pessoas. Amo todas as pessoas que conheço, mas em nenhum momento me sinto presa a elas. Claro que tenho um vínculo maior com alguns seres. Com esses posso celebrar todos os meus sentimentos e minhas questões pessoais profundas; com essas pessoas sinto um reencontro intenso, resgate de mundos paralelos no aqui e agora. Com elas trabalho em um mesmo momento esses mundos, projeções que estão acima e abaixo de um mesmo instante. Ecos de nossas próprias vidas. Penetramos mundos desconhecidos para alcançar o grande vazio e daqueles mundos sairmos preenchidos.

Há muito comecei essa trilha e, pouco a pouco, foram se aproximando de mim mulheres e homens muito queridos.

Meus Avós, os Quatro Elementos, me falavam de uma das grandes artes que deveria aprender: a paciência. "Saber estar consigo, saber estar no íntimo de si, permanecer em cada instante, em cada ato — eis as chaves para ter a paciência", diziam-me eles. "A paciência é a certeza do encontro", sussurrava dentro de mim minha voz interior. Meus Avós diziam-me também que eu conheceria intimamente inúmeras pessoas, e algumas delas trariam

consigo traços básicos dos quatro elementos: a paixão do Fogo; a fluidez da Água; a persistência da Terra e a criatividade do Ar.

Às vezes, minha mente inquieta questionava quanto ao dia em que esses encontros se dariam. Em que fragmento de tempo deparar-me-ia com esses seres humanos, que sinais trariam para os reconhecer? Minha Guiança me pedia calma e dizia mansamente: "Não se ocupe com tais pensamentos e continue a realizar o seu Serviço. Dia chegará em que você reconhecerá os que trarão no corpo a marca preciosa de seus Avós."

Esperei muito, até que finalmente posso dizer do encontro e falar a Grande Voz.

ELEMENTO ÁGUA

*Água divina, purifica meu ser, limpa minhas células, renova cada rio interno meu, circula em mim o teu amor e a tua luz cristalina.
E assim é.*

Com este elemento, sendo meu Elemento Mestre, tive uma das iniciações mais difíceis. Há muito evitava entrar diretamente nas cachoeiras e nos rios. Muitas vezes, quando olhava as águas morenas do local onde habito, sentia-me desassossegada, e um medo sem explicação tomava conta de mim. Minha mente começava a criar formas absurdas, via monstros saindo das águas, devorando-me. Nesses momentos, sempre elaborava um jeito de me afastar dali. Internamente, sentia que um dia mergulharia. Era inevitável.

Certa época, após ter passado quatro dias em silêncio, escutei minha Guiança falar: "Agora você está pronta para mergulhar nas águas desconhecidas do seu próprio oceano. Para isso, deverá mergulhar nas águas profundas de uma cachoeira, à qual lhe guiarei".

Meu corpo sentiu um pânico insuportável e fiquei apreensiva durante vários dias. O tempo foi passando, e aquele dizer foi se tornando longínquo. Meu corpo relaxava diante da vida e de todos os seus antigos dizeres. A memória ia sendo diluída pelo tempo.

Muito tempo depois, quando me libertei da tensão é que pude escutar a Guiança indicar um local numa floresta praticamente virgem. Como amo profundamente as florestas, não titubeei um só

momento. Dirigi-me a esse lugar onde a natureza é pura explosão e fui penetrando aquela terra tão acolhedora, úmida e vivificante. Após caminhar algum tempo por entre pedras e árvores, deparei-me com uma cachoeira tão bela, que chegava a amedrontar. Minhas pernas não conseguiam mais caminhar. Sentei e comecei a fazer um rito para as águas, quando, de repente, escutei: “Estou te esperando há muito tempo, este é o teu momento, o momento do teu Eterno Interior”.

Escutando tais palavras, não tinha dúvidas quanto ao que me estava sendo dito. Há muito aprendera a confiar na voz que vinha de dentro de mim, a voz da minha Guiança. Naquele instante, desejei não ter escutado aquele dizer, mas ouvira e, como sempre, obedeceria. Aproximei-me lentamente daquelas águas morenas, e minha memória celular começou a atuar. Vi-me atada a uma canoa desgovernada, vagando velozmente em direção a uma estrondosa cachoeira. Senti meu sufoco, minha falta de ar e minha morte iminente. Caminhava com rapidez em direção à Grande Senhora da Transformação — a Morte. Nada podia fazer. O desespero e a dor tomaram conta de mim e eu morri, na água. Foram apenas átimos de tempo, mas, para mim, uma eternidade. No início, um pavor profundo; depois, o vazio e a plenitude.

Após essa ativação da memória celular, fiquei petrificada, sem conseguir dar mais nenhum passo em direção às águas. Meu corpo não obedecia. Era incontrollável. Minhas pernas pesavam toneladas. Fechei os olhos e ouvi minha Guiança: “Você escolhe: ou entra agora e se torna Senhora de um Mistério ou permanece como está e morre em vida”. Ó! Fonte da Existência — pedi —, ajuda-me, faz meu corpo caminhar e entrar nas águas. Não quero viver povoada de pânico.

Olhei para aquele elemento temido. Vi pingos fortes de uma luz dourada se mesclarem ao líquido precioso da vida e escutei uma voz doce como a melodia de um amado dizer-me:

“Sou o Espírito das Águas. Para compreenderes meus mistérios, te convido a penetrar em mim e deixar-me penetrar em teu ser. Vem, entrega teu corpo suavemente e assim experimentarás os dois lados de mim: minha solidez e minha flexibilidade. Sou a circulação da Terra e represento o sangue terreno. Fluo por entre as pedras e nada detém minha caminhada. Venho, minha querida, do Muito Alto, em forma de chuva, fecundar, através de meus raios, a Terra, elemento sagrado, e preencher suas veias sob a forma de rios e cachoeiras. Juntos, eu e a Terra, caminhamos para o grande útero de mim mesma: o mar. O que temes? A morte? Já não morres e vives a cada segundo? O que esperas conservar? Não sabes que um dos teus maiores ensinamentos é o desapego? Soltar absolutamente tudo e ficar com aquilo que é mais sagrado: tu mesma. Vem, confia...”

Senti meu corpo dizer “sim” e voltei a penetrar aquelas águas. Sabia que deveria seguir determinado caminho, o veio principal. Sair daquele veio era desviar-me de mim mesma e sucumbir ao medo e ao desespero que já conhecera tão bem em outra realidade paralela. Fui penetrando vagarosamente enquanto pensava: se confio, devo caminhar; se no caminho vier a morte, morrerei. Afinal, já conheço essa Senhora há tanto tempo! De verdade, a cada segundo morro e renasço...

A terra fugia dos meus pés. Mergulhei na escuridão das águas e de mim mesma. A princípio, tentei agarrar-me a algo, mas não havia nada, e estava mais uma vez solta e desgovernada. Como em um filme, toda a minha vida desta existência me foi mostrada. Ah! Grande Espírito, tantas coisas eu deixara de fazer — às vezes por

medo; outras, por passividade. Quantos sins e nãoos deixara eu de falar? Tantas acomodações. Quantas vezes sendo boazinha para não desagradar!

Enquanto tudo isso me vinha à mente, meu corpo sentia a falta do ar. Tentei não entrar em desespero, pois seria completamente inútil. Estava nas águas como fiquei no útero da minha mãe. Senti um pulsar idêntico à respiração daquela que me gerou. Minha cabeça começava a latejar; não conseguia me erguer, não conseguia nascer! Era um ser frágil, precisando sair daquela escuridão interminável, buscando uma luz para onde me dirigir e nada enxergando. Vi-me dizendo a mim mesma: agora é o fim! Nesse tempo que chamo “eternidade”, senti minha consciência ampliar e ouvi a voz da Guiança: “Estira teu braço esquerdo agora”. Estirei rapidamente e peguei em algo sólido, uma raiz à qual me agarrei; voltei à tona. Estava voltando mais uma vez à vida terrena, e meu corpo tremia incontro lavelmente. Sentei-me na terra e chorei como uma criança solitária. Olhei para as águas da cachoeira e agradeci. Naquele momento, a cachoeira tornou-se um grande ser feminino, pleno de raios dourados, que, aproximando-se de mim suavemente, acariciava-me os cabelos, deitando-me em seu colo e entoando uma linda canção de amor.

Fui levada a penetrar em uma realidade paralela através de uma espécie de sono consciente que se apoderou de mim. Durante aquele “sono”, recebi uma grande revelação. Estava pronta para fazer circular o sangue em minhas veias, pronta para limpar canais humanos que tivessem a disponibilidade de se transformar. Pude compreender que a Água e o ser humano são idênticos em sua essência: quantas vezes nos mostramos superficiais e somos tão profundos? Quantas vezes queremos ser cristalinos e nos tornamos tão escuros? Quantas vezes em nós há um silêncio de aparente

aquiescência e, por dentro, estamos como em um grande redemoinho? Assim são as Águas; assim somos nós.

Tempo depois, quando as estrelas apareciam no céu, levantei-me.

O tempo... O tempo é realmente uma ilusão criada por nossa mente. Eu não conseguia pensar em nada. Vivi quanto tempo? Um dia, uma hora, um segundo ou uma eternidade?

Olhei mais uma vez aquela cachoeira, despedi-me e fiz meu caminho de retorno por entre as árvores majestosas e silenciosas. Caminhei na escuridão da mata, sentindo cada odor e ouvindo cada sinal emitido pelos seres que ali habitam. Perma necia num estado ampliado de consciência, indo em direção à cabana onde deixara meus pertences. Entrei e deitei. Comecei a pensar na viagem do dia seguinte: o retorno para minha casa e para o meu Serviço. Adormeci profundamente embalada por esses pensamentos.

No dia seguinte, ao despertar, olhei para o mundo, para a natureza, e os senti tão diferentes! Uma onda de amorosidade invadiu meu ser e pude, mais uma vez, chorar a compaixão que em mim, germinava. “Tudo pulsa, Grande Fonte, ajuda-me a pulsar em harmonia contigo” — foi minha prece silenciosa.

No caminho de volta, já no ônibus, fui encontrando as pessoas e percebendo que as via completamente distinta de como se apresentavam em seus corpos físicos. Minha consciência continuava ampliada! As formas, aos meus olhos, diferiam completamente de seus formatos humanos. Eu não conseguia ver o ser físico, mas a luz que o constituía. Algumas dessas pessoas eram verdadeiros arco-íris harmoniosos; outras — a maioria — apresentavam-se como fantasmas errantes neste planeta. Pude ver também que, quanto maior a intensidade da luz, mais forte a escuridão a rondá-la,

parecendo que a energia das trevas ficava a esperar uma oportunidade para invadir a luz da verdadeira vida.

A partir dessa compreensão, aprendi que quem tem (ao menos um pouco) a consciência de que É LUZ deve, com maior dedicação, doar-se à Existência e iluminar pontos nos quais as energias interferentes ocorrem. Ao tomar consciência desse aprendizado, minha mente questionou: “Se essas pessoas doarem a luz, não vão ficar na escuridão?”, ao que minha Guiança respondeu: “A Fonte é inesgotável, a única em que, quanto mais se doa, mais se recebe, pois, esta luz é o fio perfeito que nos liga à Fonte Original. Não há razão para temores...”.

O ônibus diminuía a velocidade, e percebi chegarmos à rodoviária. Fui direto à minha casa, à família que gerei. Meus olhos viam meu companheiro (à época) e meus filhos por uma ótica absolutamente nova. Agora eu sabia não só porque os escolherei para estarem comigo nesta existência, mas também porque eles me escolheram. Éramos mestres e discípulos ao mesmo tempo, num exercício de doação profunda, aprendendo e ensinando uns aos outros as artes do dia a dia: dormir, limpar, cozinhar, lavar, amar. Por meio do aparente simples, poderíamos aprender outras artes bem mais sutis: a ordem, a paciência, o discernimento, a compaixão e tantas outras.

No dia seguinte voltei ao trabalho; ainda extasiada pela vivência que tivera, comecei a atender aos buscadores/as que me chegavam. Ao olhar para eles, via muito além do que diziam. Nesses momentos, sentia um desejo enorme de revelar para cada uma, o que percebia, mas escutava a Guiança mais uma vez dizer: “Você está aprendendo a ciência da Paz: a Paciência! De que adianta dizer o que está vendo se eles não estão percebendo? De que adianta falar se elas não estão prontos para escutar?”

Amadureça sua escuta, apure seu olhar e desenvolva seus sentidos”.

Um campo novo se abria para mim, acompanhado de um desassossego sem tréguas, visto que o espaço que até então me continha se tornava pequeno demais para o que buscava. Queria mais, embora soubesse dentro de mim que essa busca exigiria uma renúncia profunda de conceitos e padrões que até então me davam segurança.

Nesse período, comecei a fazer trilhas cada vez mais longínquas dos locais que conhecia. Atravessei fronteiras, escutei novos idiomas e mensagens. Encontrei pessoas sábias e mestres maravilhosos. Ousei ir a um país totalmente desconhecido em busca de um mago (especificamente o Mago de Strovolos, Stylianos Atteshilis) que pudesse me olhar e dizer o significado de tamanha inquietação. Em Chipre, escutei-o falar: “O que faz uma inca por estas terras?”. O olhar amoroso de Daskalos tocou meu coração, e o convite generoso para ficar em sua casa, feito por sua filha Panayota, despertou em mim o oceano da vida. Fui, lá mesmo, descobrindo possibilidades, fluindo com as águas e dançando ao som da canção do mar. Ninguém nunca dissera ser eu uma inca, mas, quando aquele curador excepcional disse-me isso, meu coração aquiesceu. Permaneci trinta dias em Strovolos, bebendo diariamente — o dia todo — dos ensinamentos daquele mestre. Voltei dessa viagem extasiada diante de tanta beleza e da expansão da realidade que até então eu conhecia. Uma firme determinação de ir ao Peru brotava em mim.

No ano seguinte, entrei em contato com uma agência de viagens, coloquei a mochila nas costas e convidei oito pessoas para fazer a Trilha dos Incas. Peregrinando pelas montanhas, firmei dois dizeres: o do mago e o meu próprio. Era algo que há muito tempo

já sabia: meu caminho como uma xamã. Chegando à estação de Cusco, não havia ninguém nos esperando. Eu havia entendido que a agência colocaria alguém para nos guiar; a agência, por sua vez, entendeu que eu não precisava de um guia — um verdadeiro truque xamânico.

Estávamos lá há quase uma hora quando, após recusar algumas ofertas de guias que queriam nos levar até o hotel, surgiu uma kombi com um casal. A mulher dirigiu-se a mim e começou a conversar. Gostei dela imediatamente. Depois que o homem se apresentou, confiei e disse ao grupo: “Vamos com eles e depois veremos o que acontecerá”. Fomos conversando até o hotel, sorrindo das coincidências, pois ir até à estação não estava nos planos dessas pessoas, mas algo lhes dizia que deveriam ir. Eu, como sempre, confiei. Ingenuidade ou fé? Só vivendo para saber. Descemos e marquei um encontro para acertarmos os detalhes da trilha inca que realizaríamos no dia seguinte. Acertamos tudo — da alimentação, a mais natural possível, até a parte espiritual e os rituais que eu precisava conduzir com o grupo.

Foi uma trilha lindíssima. O frio e a chuva nos acompanhavam quase todo o tempo. Encontrei-me com as montanhas, com as águas e com a energia de todo aquele vale sagrado. As iniciações se davam de forma bastante significativa, e os rituais comprovavam meu caminho através do Xamanismo. A presença dos quatro elementos era cada vez mais visível; todos que estavam comigo, puderam testemunhar momentos de intensa sintonia entre mim e a natureza, que explodia em murmúrios de amor e harmonia. Sentia uma enorme conexão, e tudo me era extremamente familiar. Um xamã passou por mim, olhou-me e disse: “Você é mais que uma inca, você é uma andina!”. Fui podendo compreender

vagarosamente a minha escolha, o Serviço que trazia tatuado em minha pele.

Voltamos ao Brasil, plenos de vigor. À saída, no aeroporto de Cusco, tive a certeza do meu retorno àquelas terras, agora sozinha. Meses depois retornei e fiz caminhadas solitárias que me trouxeram conhecimentos antigos daquele local. Passei por testes tão difíceis que, ao final, disse a mim mesma: preciso decidir se um dia voltarei a esta terra, onde o acolhimento das pessoas, o olhar de carinho dos nativos e a natureza amorosa me dão uma sensação de conhecer tudo isso, ou se nunca mais volto e considero esta experiência um grande sonho em estado de vigília.

Após refletir durante alguns meses, decidi não só voltar, mas levar comigo um grupo de dezoito pessoas. Conhecendo com mais intimidade o Xamanismo e seus caminhos, pude solicitar a Ysl que encontrasse um xamã de uma hierarquia que pudesse me acolher e me ensinar. Sugeri um nome, mas tinha certeza de que a Grande Fonte efetuará a escolha. O destinado chegaria. Dias depois, Ysl ligou-me avisando que encontrara um xamã, “um homem humilde e não muito conhecido”. Aceitei imediatamente.

Como de costume, segui com o grupo, inicialmente até a Bolívia, onde a experiência do mal das alturas, soroche, aconteceu bem forte. Alguns, ali mesmo, começaram a vivenciar seus processos de descobertas. Seguimos para Cusco, passando por lugares belos e poderosos. O grupo ia cada vez mais se unindo e se amando. As máscaras iam sendo desveladas e cada um descobria seus limites, tentando ultrapassá-los. A dor do ego ao ser flagrado fazia chorar, rir e quase enlouquecer. Muitos, no calor da noite, se perguntavam: o que estou fazendo aqui? Por que estou seguindo essa mulher? Se tudo for uma grande mentira? No dia seguinte, a necessidade de caminhar e seguir era mais forte que o cansaço, a

desconfiança, a falta de ar e o frio. Seguíamos como seres que querem algo mais da Existência, seres que sabem da realidade de um Propósito, de um significado além da forma e do aparente.

Na Trilha Inca, caminhávamos silenciosos por entre as árvores antigas do Grande Caminho quando, em determinado ponto, senti uma energia invadir meu corpo; pude perceber que deveria iniciar uma das mulheres do grupo na Tradição Xamânica. Meu coração guiou-me diretamente a ela; olhei em seus olhos e perguntei: aqui, agora, o que de mais importante existe para você? Ela respondeu: "O amor". Minha Guiança disse: "Ainda não é esta a resposta. Caminhe mais e, adiante, faça de novo a pergunta". Caminhei muito tempo após esse primeiro encontro, entrando cada vez mais naquele espaço da trilha perdido no tempo, onde só existiam árvores antigas, minhas avós e uma subida que parecia interminável. Sentei em uma pedra. Daí a pouco, a mulher que seria iniciada, ofegante, sentou perto de mim. Eu lhe perguntei: agora, o que de mais importante existe para você? "Nada, nada mais", ela respondeu. Aquela era a resposta, a chave para a sua iniciação. Perguntei-lhe se sabia o que era ser uma xamã. "Penso que sei", respondeu.

"Uma xamã", falei, escutando a voz de minha Guiança, "deve ir sempre além, ultrapassar seus limites e nunca ter dúvidas. A dúvida é o elo enferrujado que parte a corrente, é o lado frágil pelo qual entram todas as energias interferentes. A fé na Fonte Original — e, conseqüentemente, no seu coração — é a chave primeira para todos os outros portais. Na fé está incluído o maior dos sentimentos: o amor. Às vezes as pessoas afirmam que amam, mas, na hora dos testes, esse pseudo amor se esvai. Você será muito testada em seu amor e em sua fé; cada vez em que confiar plenamente, mais a energia da Cura se estabelecerá em seu ser e

tudo se tornará possível. Como xamã, você se une de uma forma consciente à Força Criadora, e sua alma assume completamente o lugar que a ela é destinado. Você, antes criatura, é também como a Fonte, uma criadora. Em qualidade idêntica, porém, em quantidade infinitamente menor". Silenciei e nos abraçamos. Sentíamos nossa respiração forte e harmoniosa ao mesmo tempo. Mais uma vez, vi-me dizer um dos Grandes Mistérios: Você é a gota de água, portanto, Oceano em qualidade, mas só a Fonte é o Oceano em qualidade e quantidade.

Quando finalizei esse dizer, a força do meu Elemento Aliado, o Ar, fez-se sentir; pássaros começaram a passar por nós cantando. A Senhora das Águas imediatamente veio em forma de pingos de chuva. Mais uma vez entreguei-me à Fonte; mais uma vez doei minha vida completamente, sem reservas.

Continuamos a trilha. O grupo caminhava como era possível. Alguns paravam para descansar, ao passo que outros andavam mais rápido. Uns eram mais ajudados e os demais seguravam galhos de árvores para se apoiar. Assim seguíamos: cansados, mas sempre confiantes. Nossos padrões estavam mudando, já não éramos mais os mesmos, tínhamos certeza. Por fim, estávamos diante da cidade sagrada de Machu Picchu, pássaro velho. Sentamos durante muito tempo no portal de entrada para contemplar sua história.

Recostei-me em uma pedra com formato de sapo e iniciei uma meditação silenciosa. Comecei a entrar em contato com os animais que se delineavam naquelas edificações sabiamente construídas: o condor, pássaro intermediário entre o divino e o humano; o lagarto, perfeitamente visível, a falar da paciência e da sabedoria. Apurei mais minha visão interna e pude ver o rosto de um homem moreno, com olhar generoso e cabelos um pouco cacheados. Seu rosto era gordo e ele falava com uma ternura ímpar. Partilhei essa experiência

com uma pessoa muito especial que, devota como eu do Serviço que tem a realizar nesta vida, dedicava-me um amor e uma atenção bastante expressiva. Disse-lhe que encontraria esse homem e que ele me passaria muitos ensinamentos: É um homem simples, ninguém dá nada por ele. Até aquele momento, pensei que tal encontro se daria na Índia, para onde eu iria depois de Machu Picchu.

Depois dessa meditação/contemplação, fomos descendo a ladeira em direção à cidade sagrada. Estávamos próximos da chegada quando avistei Ysl com o xamã. Minha mente logo começou a analisar: quem será? O que acontecerá? Aquietei-me para perceber o que estava sentindo. Sentia-me bem, nada tão forte como acontecera em outros encontros, nem tão fraco que não me fizesse vibrar. Ele se apresentou, risonho, à vontade. Disse-nos que era preciso realizar uma limpeza (uma purificação) antes de entrar verdadeiramente naquele lugar tão pleno de energia. Ofereceu-nos muitas folhas de coca, falou-nos da energia, dos chakras e, ao som suave de uma música, efetuamos um lindo trabalho de contato com nosso ser interno e com a espiritualidade daquela região.

Seguimos caminhando e fomos diretos ao coração do condor, em pedra, o pássaro sagrado de Machu Picchu. Esse xamã nos falava do significado da vida e do amor. Levou-nos a conhecer, por palavras simples, os caminhos, as pedras e os lugares sagrados. Ao anoitecer, em pleno centro de um jardim gramado da cidade sagrada de Machu Picchu, pediu-nos para deitarmos em círculo e começou a orar em voz alta aos quatro elementos. Meu coração pulsou com mais força, meu corpo sentiu alegria e paz indescritíveis. Fonte Original, — pensava —, como isso pode estar acontecendo? Estou iniciando a escrita de um livro sobre os quatro

elementos, e este xamã, sem nada saber, começa a clamar por eles. A cada elemento que ele invocava, meu corpo vibrava e meu coração se pacificava. Repetia em voz alta cada frase e sorria internamente. A energia dançava em meu corpo. Estava feliz, muito feliz.

Após terminarmos a meditação, seguimos caminhando até o ônibus que nos levaria a Águas Calientes para mergulharmos nas águas do ventre da Mãe Terra. O xamã avisou-me que esperaria por mim à porta do Templo das Águas. A pessoa responsável pelo local havia sido contatada por Drian, um dos meus grandes amigos cusquenhos, e à hora combinada poderíamos ir. Acomodamo-nos no hotel, realizamos uma pequena refeição e fomos até o lugar sagrado onde se daria a cerimônia.

O grupo estava inquieto, temeroso. Dúvidas retornavam. À porta, algumas pessoas começaram a questionar, em voz alta, sobre o que aconteceria. Fiquei um pouco irritada e falei asperamente: como podem ainda duvidar? A dureza dessa frase ecoou dentro de mim, e percebi que também eu duvidava. Uma grande tristeza me invadiu; sentindo-me apanhada em flagrante, pedi perdão à Fonte e ao ser interno de cada um.

Olhei significativamente para a porta daquele templo, que, fechada com um cadeado, nos impossibilitava de realizar o ritual. Batemos forte, afinal, poderia haver alguém lá dentro. Chamamos, mas ninguém respondeu. Meus olhos encontraram os olhos daquela que fora iniciada. Lembrei-me das palavras que a ela foi dita, compreendendo, de imediato, que era mais um teste, e que até aquele momento, nós não estávamos preparados para o ritual. Faltava-nos a fé. Conversei com o xamã e disse que não realizaríamos o ritual se não tivéssemos como entrar; melhor seria dormirmos. Ele me escutou, e concordou. Íamos voltando em um

silêncio pesado e triste quando, de repente, avistei Drian conversando com um homem. Aproximei-me e fui apresentada àquele que não era outro senão o principal responsável pelo Templo das Águas. Ele concordou em abrir a porta para podermos trabalhar. Senti uma alegria muito grande e o grupo todo vibrou. Entramos, formamos um círculo e escutei suavemente o Ser das Águas a dizer: "Peça que se questionem profundamente, procurando ver a analogia entre este fato e a vida de cada um". Dizia-me mansamente:

"Quantas vezes vocês estão na iminência de dar um grande salto, mas retornam por falta de fé? Quantas vezes têm de fazer o mesmo caminho duas, três vezes porque a mente linear não permite o grande salto? É preciso viver o aqui e o agora plenamente, estar consciente dos acontecimentos, sabendo que este momento é a síntese entre o passado, o presente e o futuro. Só vivendo o instante plenamente é que podemos dar o grande salto, realizar o grande voo, que consiste em perceber a ilusão e o real. O instante seguinte diferirá, visto que a roda do movimento conduz o próximo passo mudar, mesmo que não percebamos. Observe os dias e as noites. Vocês podem pensar serem iguais, mas isso é mais uma tola ilusão. Tudo difere e, ao mesmo tempo, contraditoriamente tão semelhante... Em cada espaço entre uma respiração e outra existe a possibilidade da conexão entre todos os acontecimentos: o dia, a noite, o passado, o presente e o futuro. O momento é único e precioso; procurem estar inteiros, vivendo profundamente cada vírgula da vida, cada reticências, cada pontuação."

Mirei o grupo de aprendizes: filhos do Vento. Eu os conhecia há quatro anos. Senti um amor imenso por todos. Pessoas corajosas que resolveram concretizar um novo caminho em suas vidas, dar um

verdadeiro mergulho em seus abismos e se resgatarem. Vinham de outros rumos, outras terapias, outros processos... Naquele momento, precisávamos confiar em uma trilha completamente desconhecida; potenciais tinham de se desvelar. Havíamos realizado muitas viagens internas e externas partilhando inúmeros conhecimentos xamânicos. Estávamos prontos para, juntos, viver uma experiência absolutamente iniciática. A confiança e o amor já estavam estabelecidos entre nós e poderíamos vivenciar o belo ritual que nos esperava.

Cada um foi presenteado com uma vela. Fizemos um círculo na primeira fonte de águas quentes, água que vem de dentro das montanhas, do ventre da Mãe. Acendemos nossas velas e, instruídos pelo xamã, olhamos uma das montanhas que estavam ao nosso redor. Pouco a pouco, clara e significativamente, foi-se delineando para nós uma bela forma feminina. O xamã me disse: "Observem a Grande Mãe. Vejam suas formas, seus cabelos, seu rosto. Vejam a nuvem que da Terra se eleva para os céus até encobri-la completamente. Quando isso acontecer, quando nenhum traço dela puder mais ser visto, o pedido estará nas mãos do Grande Espírito. Portanto, centrem-se e se entreguem à Grande Senhora...".

Fizemos nossos pedidos com extrema reverência. Na segunda fonte de água, permanecemos suficientemente para entrar em contato profundo com a nossa Guiança.

Ali na água, sentindo profundamente cada uma de suas partículas, começou-me a chegar a Visão — um dom que a Fonte me concedera. Minha consciência se ampliou e vi alguns de meus mestres amados. Vi Cristo, que em sua forma de Luz acolhia; em seguida, outro mestre, Osho, que sorria para mim enternecido. Vi a Grande Senhora e, extasiada, rodopiei nas águas. Vi-me um pouco

assustada com aquelas visões e, após alguns segundos, consegui falar: O que está acontecendo? Por que vocês me aparecem se mesclando dessa forma? Como vocês se transmutam uns aos outros? A energia de Osho me respondeu, pacientemente: “Se você acredita que tudo é um, qual a importância das formas? O rosto do Cristo, meu rosto, da Madonna... Seu medo a faz analisar, por conceitos e leis arcaicas, tudo o que parece diferente dos padrões que você criou. Retorne ao centro de si mesma e perceba-me mais uma vez”.

Segui o que estava sendo dito e pude ver a energia daquele ser, bem como sua dança e poder. Não mais as formas, mas pontos de luz que brilhavam se entrelaçando, formando uma grande unidade. Extasiada e agradecida, fui-me percebendo mais suave e mais inteira. Respirei profundamente durante alguns minutos e, enquanto aquela visão se desfazia, escutei a voz das Águas: “Vem, sê uma comigo, dança minha dança, sente minha flexibilidade e deleita-te em minha energia”. Deixei-me levar pelo convite e, no centro das águas, dancei como um ser cujo corpo era somente flexibilidade, volteando feliz nos braços da minha Avó, a Água.

Era uma com ela. Escutava-a dizer:

“Certa vez, em uma realidade diferente desta, não confiaste em mim, assim tiveste de penetrar-me e não mais sair, te lembras? Ficaste tão fascinada pelo meu poder que precisei levar-te. Agora não mais necessitas do fascínio, mas só de viver a experiência, sair dela e depois dizê-la ao mundo. Sim, te concedo o direito de falar a minha voz. Sou aquela que dança, serpenteando o planeta em que vives. Sou aquela que pede mais atenção a cada ser que vive nesta Terra. Peço a todos que despertem e percebam o final doloroso que estão preparando para si próprios, quando em mim despejam irresponsavelmente seus excrementos orgânicos e não orgânicos.

Muitas vezes vejo minhas vertentes abarrotadas de sujeira. Sinto a dor daquela parte de mim mesma e choro. Nesses momentos, venho pelas grandes chuvas tentar dizer ao ser humano que, se me matam, matam-se também; que, ao me sufocarem, serão sufocados do mesmo modo. Onde está a sensibilidade dos seres humanos? Em que fragmento de tempo perderam a conexão com os quatro elementos e com os sinais que eles emitem? Terão se contaminado a tal ponto que o fluir puro das águas nada mais significa? Não compreendem que, se a fertilidade em mim se extinguir, não mais serão férteis? De que adiantam tantos conhecimentos obtidos nas academias se não adquirem nenhuma Sabedoria? Apesar de tudo isso, minha querida, estarei sempre com vocês, pois sei que um dia despertarão, começando a cuidar de si, de sua circulação interna e, conseqüentemente, cuidarão de mim, a circulação do planeta.”

Antes de retirar-te, pedi eu, confirma, por favor, o que meu coração já me disse: quem é o ser humano que vai te representar junto a mim? A voz das Águas disse:

“Lembras de quando fizeste a experiência da cachoeira? Após aquelas revelações foste trabalhar e, no final de semana seguinte, numa vivência, havia uma mulher que te disse: ‘Por favor, ensina-me a linguagem dos quatro elementos’. Pois, bem! eis a mulher das águas. Ela possui inúmeras características de mim mesma: às vezes quieta; outras, em total ebulição; em muitos momentos se apresenta com uma lucidez de pensamento que chega mesmo a assustar enquanto, em outros, encontra-se completamente desnorteada. Assim é o povo que a mim pertence. Flexíveis, purificadores, ilimitados, artísticos, bem como rebeldes, desafiadores e tremendamente sedutores.”

Fechei meus olhos e lembrei-me da mulher e de seu pedido. Lembrei de sua entrega e da veemência com a qual solicitava ajuda

para sair de sua confusão existencial. Seu olhar era pura entrega e amor. Ao iniciar as vivências comigo, começou a caminhar seguindo o rumo mostrado a ela através de mim. Imediatamente eu lhe repassava o que me era dito. Sabia ser uma questão de tempo, um espaço de referência para se poder estabelecer o elo entre mim e ela. Com o passar do tempo, a força e a coragem iria se estabelecer em seu coração, conduzindo-a descobrir e trilhar sua própria jornada pessoal. Levei-a por trilhas desconhecidas e misteriosas; esfinges a serem decifradas; a cada retorno desses trabalhos, seu olhar se tornava mais aguçado e, seus sentidos, mais desenvolvidos. As críticas exteriores não a perturbavam e, como os rios, ela fluía em direção ao mar. Nos rituais das águas, via sua confiança neste elemento poderoso, e comecei, vendo-a mergulhar com tamanha intimidade, a perder o medo do sangue da Terra.

Gradualmente, a Mulher das Águas começou a retomar seu Propósito. Participando ativamente dos rituais, principiava compreender, por meio do sentimento, sua verdadeira Causa nesta existência. Falou de sua subjetividade e começamos a tecer juntas um trabalho artesanal: transformar todos os sintomas, que aparentemente a faziam sofrer tanto, em algo valioso e vivificante. A energia da clareza começou a se fazer presente na mente daquela mulher. A água, até então turva, começou a se tornar cristalina. Vagarosa e delicadamente, ela iniciou seu processo de desvelamento, e uma mudança expressiva começou a acontecer em sua vida. Deu-se conta de que existia. Esse processo a fazia estar mais próxima de mim, ajudando-me, aprendendo e ensinando.

Dentro daquela memória escutei, mais uma vez, a voz das Águas a dizer-me: "Agora, abre os olhos e olha à tua volta". Ao fazê-lo, senti um eco de amor; senti meu corpo absolutamente relaxado. Olhei cada uma das pessoas do grupo e um amor enorme me

invadiu... Quando terminamos a experiência, abracei cada uma com uma intensidade indizível.

Dali seguimos para dormir e sonhar. A fadiga e o silêncio mesclados a um bem-estar invadiram todos nós. O quarto acolhedor nos aguardava para acalentar nosso sonho.

No dia seguinte, já descansadas e prontas para uma nova jornada, pegamos o trem e fomos a Ollantaytambo, um lugar muito especial para mim. Lá experimento uma sensação de retorno indescritível, retorno à minha casa. Arrumamos nossas barracas e em seguida o xamã nos solicitou repouso, pois viveríamos à noite a experiência com a erva do deserto. Após ter clareado as dúvidas de algumas pessoas, pediu que meditássemos e sentíssemos se realmente queríamos viver a experiência. Conversei com o grupo; somente uma pessoa decidiu que não realizaria o ritual.

Era noite de Lua Cheia. O céu estava pleno de estrelas. A hora do rito se aproximava. Em determinado momento, o xamã convidou-nos para ir ao local onde seria realizada a cerimônia. Um sentimento pacífico me invadia. Sentamos em círculo e o xamã chamou-me para ser a primeira, depois dele, a beber o líquido sagrado. Recebi a taça com San Pedro; um odor forte se espalhou pelo ar. Ao ingerir aquele líquido do deserto, uma sacralidade extrema me invadiu. Senti o espírito da erva tomar meu ser e me possuir por inteira. No último momento de mim, pedi ajuda à Fonte para clarear a minha mente e iluminar meu coração. Mais uma vez doe a minha vida, clamando à minha Guiança ajuda para todos que ali estavam. Aquietei-me enquanto sentia o poder da erva penetrar minhas células. Cada buscador recebia o cálice com extrema reverência, bebia o líquido e voltava ao seu lugar em um silêncio profundo e meditativo. A Senhora da Noite começou a nos mostrar campos até então impensáveis; o campo de poder estava

preparado. Nossos cânticos ecoaram naquele espaço que se fazia cada vez mais belo. A Senhora vestia-se de dourado e bailava-nos ao ritmo de nossas canções. O frio peruano era nosso fiel companheiro. Meu corpo físico tremia, mas a energia da entrega me aquecia, e a temperatura de 3° ou 4° graus estimulava-me a mergulhar visceralmente no rito. Nesse momento de quietude, meu Elemento de Sabedoria começou a se fazer presente, levando-me a bailar nos campos de Deus Mãe...

ELEMENTO TERRA

O cacto San Pedro — também conhecido, em idioma quéchua, como Wachuma — me levava por campos mágicos e tocava em memórias significativas que julgava perdidas dentro de mim. Vi-me em uma das muitas experiências que realizei quando de minhas andanças pelas terras da Chapada Diamantina, na Bahia, Brasil, onde as montanhas começaram a dizer estarem aguardando que eu falasse a voz delas. Conversava com uma amiga, sentada às margens de um rio, e, de repente, ao olhar para uma montanha, visualizei que exatamente naquele local nós já estivéramos fazendo parte de uma comunidade onde o serviço à humanidade era o traço que nos aproximava.

Essa lembrança muito me mobilizou. Lembro que fiquei sem palavras para continuar a conversa. Um desejo imenso de permanecer ali sentada às margens do rio me possuiu e invadiu meu corpo. Sentia como se penetrasse a Terra, criando bases que me sustentariam. Não podia caminhar, e uma espécie de enraizamento apoderou-se de todo o meu ser. Eu era uma continuidade da Terra. Minhas raízes se mesclavam a pontos de luz brilhantes e coloridos.

“Esses pontos”, ouvi o Ser da Terra falar, “são sementes energéticas que esperam o momento apropriado para se acoplarem às sementes físicas, e assim poderem encarnar. Cada uma delas traz as qualidades da renúncia, da paciência e da solidão”. Perguntei: O que queres dizer ao falar-me dessas qualidades? O ser falou: “São

pilares para a vida neste planeta”. Continuei, intrigada: sim, mas o que queres dizer quando estabelececes a relação entre as qualidades e as sementes? “A renúncia”, falou o Ser da Terra, “se faz quando a semente rompe sua própria casca e a vida até então latente se manifesta — morte e nascimento. A paciência, quando a semente aguarda a luz que permitirá o desabrochar, e a solidão, porque todo esse processo é solitário, se faz dentro de cada ser, rompendo a si próprio, consumindo a chama interna e se tornando vida”.

Clamei pela Fonte da Existência e falei em pensamento: mais uma vez a semelhança se apresenta entre nós, seres humanos, e os elementos da natureza.

Um silêncio grávido penetrava minhas células e minha respiração se tornou quase imperceptível. A memória ia sendo gradativamente substituída por uma sensação corporal até então desconhecida por mim. Meu corpo ficou leve, a gravidade ia desaparecendo e minha visão ampliava-se. Eu podia ver a própria energia! Era o poder de Wachuma assenhorando-se de mim. Olhei para uma das montanhas onde a Lua punha seus raios prateados e uma visão deslumbrante surgiu: a montanha misteriosamente transformou-se em um grande castelo. Realidades paralelas se sobrepunham, e eu tinha o privilégio de participar dessa experiência. O êxtase daquele instante... Meus sentidos, todos eles, estavam muito aguçados. Ouvi um som que se aproximava até que pude escutar uma voz forte que chegava anunciando: “És um ser humano e, como tal, necessitas caminhar. Enquanto caminhas sobre a linha do Tempo traçada por mim, vais desvelando teus caminhos interiores, e eu, ao te ver trilhar meus caminhos, percebo a mudança contínua que se processa em ti. Como as sementes, tu explodes, transformando-te a cada momento”. Diante de mim se apresentava a Senhora do Tempo, a bela Virgem Negra.

A voz doce e penetrante se foi, deixando atrás de si um código a ser por mim decifrado. Um majestoso silêncio permaneceu no ar e mergulhava cada vez mais no âmago de mim. Com algum esforço, levantei-me e comecei a caminhar. Olhava as montanhas e percebia meus pensamentos: as montanhas e o caminho pessoal. Repeti inúmeras vezes essas palavras; elas se tornaram um mantra que se apoderou de mim. Minha mente era pura eletricidade; senti algo rasgar a ordem dos meus pensamentos: a Senhora do Tempo, as montanhas... Os mistérios da Terra eram guardados pelas montanhas, e os caminhos que se descortinavam nelas mostravam a possibilidade de elucidar esses mistérios. Tempo e espaço, unidade perfeita à entrada dos portais. Eu podia visualizar a montanha não só como uma montanha, mas como um espaço vivo pleno de segredos a serem revelados.

Caminhava com muita dificuldade por aqueles caminhos enquanto meu corpo se tornava cada vez mais sensível, a ponto de poder sentir cada pulsação daquele chão. O coração da montanha ia se abrindo, e pude percebê-la inteira, sem nenhuma fragmentação. Pude ver com clareza o Ser daquele local dizendo "sim", isento de reserva ou pudor. Ia ao encontro de mim mesma decidida a diluir-me. De verdade, não saberia dizer se era eu quem ia ou o Ser quem vinha.

Subitamente deparei-me com a visão de uma espada de cor verde, fulgurante, incrustada no centro dessa montanha. Sentia ser esta a espada da Cura. No cerne daquela terra, pude perceber o masculino — a espada — e o feminino — a montanha — nitidamente. Duas potências trabalhando para um mesmo propósito. Caminhei em direção à linha tênue que unia essas duas forças e, ao me aproximar, deparei-me com seres que possuíam formas humanas, em profundo estado de sofrimento e dor. Suas

faces pediam clemência e misericórdia. Senti medo e recuei, mas uma força vinda de dentro de mim, levou-me novamente à espada da Cura. Fiquei diante dela, enquanto energias interferentes apareciam em suas formas aterrorizantes. Aproximei-me da espada até poder banhar-me em sua luz, momento divino em que pude colocá-la em minhas mãos, sem temor ou qualquer outro sentimento que me mantivesse num campo energético interferente. À medida que ia sentindo a Luz penetrar-me, enviava-a àqueles seres que tanto dela necessitavam. Não havia mais separação. Mais uma vez toquei profundamente o sentimento da Unidade. Tudo era um. Meu Serviço estava sendo cumprido. Após a experiência, estava absolutamente extenuada, e os xamãs fizeram em mim uma limpeza profunda. Senti-me muito velha, absolutamente antiga, e falei ao xamã sobre meu cansaço e minha velhice. Ele simplesmente disse: "Sabedoria!".

Deitei-me um pouco na terra tentando repousar quando, mais uma vez, escutei um chamado. A Direção Sul me abria suas portas. Outra montanha repleta de pedras fragmentadas revelou-me uma comovente parte de minha história. Olhei-lhe e, como um filme, penetrei paisagens de beleza e força indescritíveis. Eram realidades paralelas, vidas de mim mesma, outras Albas que existem em outras realidades e que são eu mesma. Vi-me num belo milharal, velando pela morte de uma filha. Chorava muito e não compreendia o porquê de sua partida. Perguntava à Fonte Original o motivo, e não obtinha resposta. Um jovem se aproximou de mim, abraçando-me carinhosamente, tocou meu rosto e enxugou as lágrimas inconsoláveis que deslizavam na minha face. "Mãe", disse-me, "estou vivo, continuarei cuidando de você como sempre fiz, eu a amo muito. Você está me escutando?"

Voltei meu rosto para ele o olhando profundamente, mas meu coração sentia a dor terrível da perda. Sentia-me anciã e sem objetivo para viver. Aquela filha era um grande referencial de vida e de amor para mim. Velei por ela três dias e três noites. O milharal dançava sua dança e flores começavam a aparecer.

A Visão se fechou por alguns instantes e, através dos meus olhos humanos, pude perceber que cada partícula que compunha aquele ser chamado montanha palpitava revelando memórias celulares. San Pedro, meu querido Wachuma, continuava seu trabalho em mim. Novas visões se sucediam, campos novos me eram mostrados. Meu sistema lógico desmoronava e minha consciência ultrapassava os limites ditados por minha mente primária. Os limites do Tempo e do Espaço eram absolutamente expandidos, como se tudo fosse um grande caos na mais completa ordem. Eu, um pequeno grão imerso naquele imenso universo. Revia mais uma vez o casal de filhos no milharal e me dei conta de que eles não eram outros senão dois dos meus filhos gestados e paridos por mim nesta existência. Clareei-me mesma a causa da minha angústia quando minha filha completara seus 16 anos. Em certos momentos em que pensava nela, inquietava-me inexplicavelmente, como se a morte dela fosse iminente. Nesses instantes, chorava inconsoladamente, sem motivo lógico algum. Hoje, sei que numa realidade paralela ela se doou, ainda jovem, à Senhora da Transformação. Compreendi também meu filho que me acompanha em inúmeras realidades paralelas. Sempre introspectivo, observador e aparentemente ausente, mas absolutamente presente e confiável, abrindo seus espaços e seu coração devagar e com firmeza. Éramos núcleos de uma mesma célula.

Um cansaço de êxtase invadia meu corpo com todo esse desvelar, “uma das iniciações mais profundas que podes suportar”,

segundo as palavras do xamã. Minha Guiança, porém, me falava que ainda faltava uma revelação para fechar o ciclo daquela noite. Meus canais interiores estavam abertos demais para concluir o ciclo. San Pedro, o amado Wachuma, me levara a tocar mistérios preciosos, e o retorno à minha realidade cotidiana teria de esperar. Todos os meus sentidos estavam muito apurados. Vindo da Direção Leste, pude sentir a aproximação de um animal muito amado por mim: a serpente. Percebia que a Terra colocar-me-ia em contato com meus animais totêmicos; ouvi uma voz dizer: “Humanos, humanos, elaboram suas cria ções e se acreditam o Criador. Nomeiam as formas e se apoderam delas. Pensam dominá-las completamente. A palavra, verbo bendito, torna-se a porta do cárcere. A mim, chamam-me réptil, e dentro dessa tola classificação acreditam saber a meu respeito. Palavra que aprisiona é palavra maldita. A palavra, para vocês, encarcera, quando, na verdade, deveria libertar”.

Olhando mais apuradamente o ponto exato de onde vinha aquela voz, enxerguei uma belíssima serpente de olhos brilhantes e perguntei: O que você quer realmente me dizer? Ela respondeu: “Sou muito mais do que vocês me conhecem. Sou Senhora da Matéria e do Divino. Sou aquela que se arrasta pela terra para dela extrair o conhecimento. Enquanto me desloco, absorvo o significado de cada partícula desse planeta em meu corpo para que um dia todo esse aprendizado se transforme em sabedoria, conduzindo-me transitar entre o céu e a Terra. Sou a ilusão e o real daquilo que chamam realidade. Religiões me colocaram como símbolo do pecado, mas verdadeiramente sou símbolo do conhecimento e da sabedoria”. Meus pensamentos se entrelaçaram com essa imagem e seus dizeres. Pedi-lhe que falasse mais sobre a diferença entre o conhecimento e a sabedoria.

“Olha-me nos olhos, mergulha nos teus portais, aqui e agora, pois só assim poderás me compreender”. Dizendo isso, calou-se por alguns segundos e, em seguida, continuou: “O conhecimento é o que chamo inocência ignorante. É o momento em que se legitimará aquilo que já foi concebido, teorias formuladas e conceitos estabelecidos. É o se arrastar pesadamente sobre o planeta, o estágio primeiro. A maioria das pessoas permanece nesse estado com a crença de que são sábias. A Sabedoria, no que lhe concerne, é a ultrapassagem dessa fase, quando o ser olha para os céus e diz ‘nada sei e isto é a única coisa que sei’. O estado de despojamento dos conhecimentos faz o ser contatar o Vazio e, dessa forma, iluminar tudo que foi previamente aprendido. O estágio primeiro se transforma em um grande voo. As asas crescem e o ser atinge o infinito. Cada letra, gesto e atitude são plenos de significados mais amplos e profundos: esse é o ponto que chamo inocência sábia, e poucos o alcançam. Não há mais separação, mas um sentimento de união com o Universo e com o que está além dele. É exatamente aí que se pode perceber e sentir o Poder em sua plenitude. Só então se é livre”. Perguntando-lhe como chegar a esse estágio, ela respondeu: “Somente com a entrega absoluta e a imersão, sem medos, no abismo da Existência, deparando-se com os fantasmas internos, atravessando os labirintos originais e segurando a espada do discernimento para entregá-la à Fonte Criadora. Esse momento é o que chamo rendição do iniciado. Nada mais resta e Tudo lhe resta”.

Meu corpo apresentava sinais de exaustão e minha mente já não conseguia acompanhar a velocidade das revelações. Eu precisava repousar. Amanhecia, e o rito foi finalizado com muita alegria e riso. Cantamos, dançamos e celebramos. A fragilidade estampada em mim, dava a impressão de um corpo sem consistência. Dirigi-me

tropegamente à tenda, deitei-me e dormi quase doze horas tentando me realinhar. Sabendo que as horas de sono não seriam suficientes para o repouso, solicitei ajuda da minha Guiaça, que me conduziu até meu Avô Ar; nas suas asas, fui ao acampamento dos sonhos de modo a ser cuidada pelos guardiões.

À tardinha, despertei, banhei-me e me deparei com uma Alba cheia de vida e força se revelando ao mundo. O mais tocante é que essa Alba que nascia trazia as marcas da iniciação: o cabelo, antes todo negro, era agora mesclado por inúmeros fios prateados, mechas das estrelas. Sentei-me à porta da cabana e meus pensamentos me levaram a uma memória de alguns anos quando, trabalhando na horta de minha casa, ouvi a Mãe Terra dizer: “Vês todas essas verduras, todo esse verde abundante em mim? Tu te alimentarás de tudo isso e um dia eu me nutrirei de ti. É um ciclo tão amoroso que não podes sequer imaginar. Consegues ver e sentir o que digo com amor?”. Eu disse: sim, consigo.

Ela continuou: “Imagina teu corpo sendo doado a mim amorosamente, e eu, com todo o meu coração, te recebendo e te fazendo parte de mim. Tu te tornarás uma comigo. Meu conhecimento estará em ti e tua energia estará em mim. Tudo o que fizeres, minha querida, retornará para ti em dobro, não por vingança da Fonte Criadora, mas por sua extrema generosidade. Assim será quando vieres novamente até mim: como tiveres me tratado, assim te tratarei. Sou tua Mãe, aquela que te acolhe e que te nutre. Cuida de mim, pois uma filha generosa é um dos maiores presentes que uma mãe pode ter.”

As memórias continuavam vivas. Um sentimento imenso de compaixão me possuiu e lágrimas rolaram pela minha face. Continuei escutando e percebendo esse diálogo passado há tantos

anos. Via-me a solicitar à Terra: Por favor, dá me um pouco mais dos teus ensinamentos. A Terra, bondosamente, revelava:

“Falarei um pouco dos meus mistérios e das minhas descobertas. Observas o deserto? Lá medito e experimento a doce quietude de estar comigo mesma. No silêncio profundo dos vales fertilizo e nutro teus irmãos. Na solidão do alto das montanhas exerço minha mais bela dança. As montanhas são instrumentos perfeitos, peças de uma orquestra à espera do maestro Ar. Quando ele por elas circula, a sinfonia da Existência se faz escutar. Nas profundezas dos abismos, encontro meu real Propósito de servir a todos os seres sem distinção; onde puderes pensar que existem grãos de areia, sendo minhas células, aí estarei exercendo minha função de sustentação e suporte para a vida de todos. Lembra de quando entraste em meu ventre pela primeira vez? Pediste permissão, e minhas entranhas, as grutas, abriram-se para te receber. Todo o meu ser festejou. Lembra aos teus irmãos o cuidado que devem ter comigo. Afinal, sou o lar que os abriga e a mãe que os acolhe. Minha matéria física é como teus corpos: tua carne é minha carne, teus poros, os meus poros, teus centros de poder são também os meus.

“Lembra aos teus irmãos que eles estão realizando uma longa viagem e, um dia, quando a Grande Senhora da Transformação se aproximar, a Fonte da Existência olhará para cada um, estenderá sua mão e perguntará: O que aprenderam na peregrinação por este planeta? O que deixaram como herança aos teus irmãos, os seres visíveis e invisíveis? Nada poderão negar, pois, como em um filme, suas vidas serão apresentadas diante de seus olhos e dos olhos da Fonte que, em linguagem silenciosa, te falará.”

Continuando a profunda lição de sabedoria, minha Mãe, a Terra, me instruiu: “Em qualquer lugar em que pensarem estar aqui no

planeta, nesta linda viagem, estarei também. Vocês são a terra que atrai cada um dos meus irmãos, o Ar, o Fogo e a Água". "Observa as árvores", continuou a dizer-me, "elas são um de meus sustentáculos. São a fonte de nutrição para cada ser que me habita. O reino vegetal ensina a arte da doação: cada flor e cada fruto apresenta o melhor de si, estejam sendo observados ou não. Doam-se sempre, sem reservas ou constrangimentos".

A canção do silêncio me fez escutar o som das galáxias. Novas imagens me eram trazidas pelas notas musicais que percorriam meu corpo. Via-me sentada sob uma árvore a meditar. Conseguiria digerir cada ensinamento, cada mistério que me era revelado?

Com os olhos mergulhados no verdadeiro Tempo clamava: Fonte da minha Existência, tudo é tão poético e tão simples, como pude um dia distanciar-me de tanta Sabedoria? Como pude, tantas vezes, apegar-me a conceitos absolutamente confusos e sem consistência? Passei muito tempo sem enxergar o que a Natureza me mostrava, muito tempo cega em mim mesma. Olhava as flores sem ver o espírito que lhes dava vida, até que vi falarem comigo, que havia existência nelas, uma vida plena de Propósito. Olhei as estrelas e pude, verdadeiramente, sentir o brilho de cada uma. Cada estrela é um ponto de comunicação entre nós e a Fonte. Elas cintilam enviando sua mensagem até nós. São códigos perfeitos para nossa peregrinação terrena. Sim, somos peregrinos da Existência.

O sono havia refeito em mim memórias esquecidas; estava iniciando conscientemente o mergulho na sabedoria vinda dos quatro elementos. Minha Mãe, a Terra, Gaia, Pachamama, ofertava-me um de seus poderosos mistérios. Senti desejo de caminhar um pouco, sozinha. As pessoas do grupo já não se encontravam no local, pois haviam sido levadas ao hotel em Cusco. Enquanto

caminhava, pensava na responsabilidade que me era passada: falar a voz dos elementos. Com todas as minhas forças, pedi à Fonte para tornar-me digna de cada momento vivido, de cada ensinamento recebido.

Pouco depois, senti uma mão amiga tocar meu ombro. Segurei-a e olhei firmemente para os olhos daquele homem. Um clarão repentino chegou à minha mente: ele era o mesmo que visualizara anteriormente, o homem simples sobre o qual minha Guiança havia falado. Pude relampejar um pensamento nesse momento e um sentimento: pensei que o encontraria na Índia e ele está aqui! Um sentimento de bênção e de reencontro me invadiu, e um choro vindo da minha alma me fez soluçar por quase duas horas. O xamã abraçou-me amorosamente e disse: "Você precisa descansar um pouco mais, pois tenho de levá-la a um local especial para fechar esse campo de poder".

Segui o seu conselho. Agora, talvez, minha mente descansasse. Mais uma vez dormi durante quase doze horas! Ao despertar, senti que o xamã me aguardava. Segui minha intuição e fui ao seu encontro. Ele segurou minha mão e me levou a um dos templos já conhecidos por mim. Lá, agradei pelo cerimonial vivido e por todas as revelações. Caminhamos até o rio sagrado que atravessa todo o vale sagrado para ali depositarmos a oferenda que havíamos preparado quando do início do rito.

Retornando para Cusco, na Avenida Sol, minha visão novamente se ampliou, e a Terra recomeçou o seu dizer: "Lembras desse local? Por acaso reconheces tuas irmãs, as pedras? Lembras do que viveste e vives ainda em realidades que denominas paralelas? Vai, penetra agora em teus próprios mistérios e permite que a visão se faça plena".

Respirei intensamente e observei que a densidade da matéria em meu corpo se fora, e eu era apenas energia, folha ao vento. Um tremor se apoderou de mim, como se estivesse em um campo de neve. Sentia-me um fio de vida, pronta a me deslocar do peso da matéria e voar nas asas do condor. A realidade paralela penetrava em mim; vi-me vestida com um manto muito singelo, segurando a mão do xamã. Eu, uma sacerdotisa devota dos quatro elementos que, por necessidade da tribo à qual pertencia, precisava casar com um homem branco e poderoso. Ele, o xamã, encaminhava-me ao meu destino de mulher: viver com um homem completamente diferente daqueles da minha tribo, os quais conhecia tão bem. Eu caminhava com um sentimento de sacrifício, pois já fizera minha escolha de união e entrega com a Fonte — amada minha! Nada em mim me pertencia. Meu corpo sentia uma dor indizível, pois ele, matéria que me constituía, também estava destinado à Pachamama minha amada. Todas as minhas células tinham a consciência do voto que firmou: o sacerdócio, o celibato. Mesmo assim, não podia recusar o homem a quem, daquele momento em diante, deveria servir. Pedi compaixão à Fonte e ousei solicitar à minha Guiaça um homem generoso. Continuei o meu caminho, sempre segura pela mão do xamã. Chegamos, enfim, ao final da rua, e pude olhar direta e intensamente os olhos do homem a quem serviria dali em diante: olhos de generosidade e de amor. Sorri-lhe e percebi sua expressão abrir-se. Um belo sorriso apareceu em sua face e eu podia escutar o ritmo de sua respiração suave e pacífica. Agradei à Fonte por sua imensa compaixão. Vi-me sendo entregue àquele que me ensinaria o significado real da palavra sacrifício. Não mais sacrifício como algo penoso, mas o Sacro Ofício, algo absolutamente purificador. O ofício sagrado da vida.

Como em um sonho, aquele fragmento de minha existência desapareceu. O xamã agora me conduzia de carro até Urubamba indo diretamente ao rio Wilcabamba. Podia ver e sentir que algo surpreendentemente novo estava ocorrendo: eu podia apreender várias realidades em simultâneo. Podia perceber nas montanhas o ponto exato onde a energia interferente estava atuando, e o xamã confirmava, dizendo: “É interessante, pois as pessoas que aqui habitam inexplicavelmente são muito doentes...”.

Podia também perceber o Ser das Águas cantando seu canto de amor e as pedras falando sobre uma espécie de hierarquia que eu definitivamente não compreendia. Falei ao xamã o que as pedras me diziam, e ele explicou o significado de algumas coisas que eu escutava: “Sim, o povo andino deixou inscrito nas pedras sua forma de linguagem. Para eles, a perfeição era algo fundamental. Tudo era muitíssimo planejado. Eles observavam as estrelas e tentavam compor, aqui na Terra, o que elas lhes ensinavam”. “Observe”, continuou ele, “a liberdade que as pedras têm entre si e, ao mesmo tempo, sua interdependência. Em cada uma delas há a responsabilidade por si e pelo Todo”. Eu pensava: a história de uma nação. O xamã continuava: “As pedras eram organizadas de tal forma que a força de uma sustentava a outra. Assim como as pedras eram estrategicamente colocadas, era também planejada a hierarquia social e política, tudo meticulosamente definido. Valores como dignidade e ética eram exigidos dos dirigentes da nação. Esses valores seriam os fundamentos, as pedras maiores e mais fortes do império...”.

De repente, a voz do xamã foi distanciando-se, e outro som chegou aos meus ouvidos, o som do Ser das Pedras:

“Contar-te-ei um pouco o fragmento de tua própria história. Viveste por essas paragens muito tempo de tua existência. Lembrar-

te-ei alguns acontecimentos importantes para que jamais esqueças o verdadeiro significado da vida. Teu povo cometeu muitos equívocos. A denominação de Filhos do Sol trouxe-lhes clareza e poder, mas também orgulho e vaidade. Muitos sacrifícios inúteis foram realizados e vidas humanas foram desrespeitadas em nome de um poder vazio e sem sentido. Lembras, quando da tua experiência com a erva do deserto, da visualização de muitas pessoas pedindo clemência e misericórdia? Ali, exatamente naquela montanha, inúmeros seres humanos perderam suas vidas. O império precisava ser construído e, para isso, majestosas edificações eram necessárias. Foi utilizada a força dos povos submetidos para trazerem pedras das montanhas mais altas. Elas eram enormes e deveriam ser trazidas num tempo mínimo. Muitas pessoas, como não tinham nenhuma prática nessa tarefa, rolaram com as pedras. Seus gritos eram ouvidos, mas havia os obcecados pelo projeto de construção... O império foi construído, mas o preço a pagar foi alto demais. Quando tudo parecia estar bem, os invasores começaram a chegar, e esse era o sinal de que a fragilidade, a dúvida e a descrença estavam estabelecidas no coração do povo. As traições começaram, e tudo ruiu. A linguagem que teu povo deixou está inscrita em nós, tuas irmãs". Um clarão apareceu em minha mente: os Incas!

Nesse momento, o xamã que me guiava segurou minha mão firmemente e, chamando por mim, sorriu. Seus olhos passavam uma grande ternura. Olhei bem para ele. Ao mirar profundamente seu rosto, confirmei sem nenhuma dúvida que aquele era o ser curador que eu vira em meditação. Ele seria o professor daquela fase de minha vida...

Dessa vez fiquei calada e serena. Aceitei com o maior amor que possuía os ensinamentos daquele que a mim fora destinado como

mestre pela Fonte Original. Guia meu de tantas outras realidades paralelas, agora mais uma vez ao meu lado, ensinando-me e guiando-me.

Voltamos ao templo e, lá, em atitude silenciosa e devocional, solicitei à Terra que me fizesse entrar em contato com o ser humano que estaria comigo, representando-a. Escutei e senti, vindo de dentro de mim, um sorriso e certa agitação. Apurei minha visão interior e pude lembrar-me que conhecera há alguns meses uma forte mulher, com seus questionamentos e incrível senso de humor. Pensei: a Terra se aproxima. Pude me lembrar da primeira vez que a encontrei. Havia decidido realizar uma vivência com o tema das Danças Sagradas quando, sem nenhum aviso, irrompeu em minha sala uma mulher ousada e objetiva que me dizia: “Quero realizar este trabalho e quero com você aprender o significado da linguagem dos quatro elementos”. Ao falar de suas experiências anteriores, sua voz me dizia da sua enorme capacidade de amar. Aceitei tê-la como participante na vivência e, após o trabalho, sugeri que integrasse um grupo que iniciaria dali a algum tempo. Ela aceitou.

Pouco a pouco, seus medos eram descortinados até que, após três anos de trabalhos xamânicos, deu-se conta de seu maior sintoma: o medo da solidão. Em função desse medo, desenvolvia algo maior e mais poderoso: o apego. Toda sua fragilidade foi sendo desvelada. Como uma criança, ela ficava muitas vezes sem compreender nada. Nesses instantes, seu olhar buscava o meu. Eu a acolhia acreditando ter ela a possibilidade de ultrapassar seu inferno interior. O primeiro passo para atravessar esse portal foi abandonar seu emprego como secretária executiva de uma instituição governamental e assumir sua real profissão: taróloga. A partir desse momento, iniciou o resgate de sua força interior e, sem

pudores, assumiu ser quem realmente era. Convidei-a para trabalhar comigo, auxiliando-me. De pronto, ela aceitou. A transformação por que passou e passa essa mulher é algo absolutamente divino. Pude perceber nela as características do povo que tem a Terra como Elemento Aliado: dureza, tristeza, apego, densidade; em contrapartida, são amorosos, fiéis, fortes e compassivos. Aquela vigorosa mulher me mostrava claramente todas essas virtudes.

Quantas vezes, sentadas nas areias douradas das montanhas, ela me questionava os ensinamentos. Questões vindas em momentos de insegurança, de busca de planos lineares e de segurança para poder viver. Quando, porém, o desejo de mudar padrões é mais forte que o medo do desconhecido, pode-se seguir. Para isso, as energias do humor e da criatividade são fundamentais, e isso o povo da Terra tem em abundância.

Falando do seu humor, lembro de um dos momentos especiais que vivi com ela. Quando focalizava uma vivência com um grupo de 21 pessoas, convidei a mulher Terra para auxiliar-me. Realizávamos uma experiência muito intensa com o elemento Água em uma das lindas cachoeiras a que tenho acesso. Um dos homens acabara de ter uma ampliação de consciência e saía das águas inteiramente fragilizado. Ela, com toda a sua espontaneidade, deu-lhe um abraço tão forte que quase o afogou! Dei um salto na água, segurei-o e trouxe-o até as margens. Ela me olhou, entre séria e temerosa, e eu lhe enviei um meio sorriso de compreensão e amor. A pureza de sua atitude enchia meu coração de beleza e vida. Ela sorriu e a linguagem sem palavras nos fazia compreender o sentimento de irmandade e paz. Aquela mulher estava despertando, explodindo em alegria, expressando o imenso desejo de viver. Eu via o trabalho que ela fazia em si própria, principalmente no que se referia a um

dos seus mais marcantes sintomas: o apego. O grande mergulho nessa emoção é compreendê-la com o coração e, dessa forma, ser fisgado pelo verdadeiro amor. Amiga mulher Terra, amiga irmã!

O círculo de poder foi fechado e o rito de finalização realizado. Um pranto, vindo de algum lugar ao qual eu não tinha acesso, tomava conta de mim. A dor do adeus e a despedida mobilizavam meu ser. Vi-me a falar: querida Mãe, despeço-me de ti agradecida por tantos códigos que me foram permitidos tocar. Canções de amor me embalavam. Olhei mais uma vez todo aquele local e parti. Fui levada pelo xamã ao hotel, onde pude viver o encontro com minha própria solitude.

ELEMENTO FOGO

Meu elemento amado, a ti abro o meu coração, para sentir a tua chama e nela me envolver. Danço minha dança e em ti revelo meu ser, feminino, masculino, inebriante como o viver.

Meses se passaram depois que tivera a experiência com minha Mãe, a Terra.

A vida seguia sua própria história. Eu definitivamente mudara. Deparava-me com símbolos que nunca pensara existir. Eles iam sendo arduamente decodificados como peças de um grande quebra-cabeça. Buscava livros, meditava, orava. Uma energia grandiosa tomava conta de mim e, muitas vezes, não sabia o que fazer com ela. Algumas pessoas aconselhavam-me, mas, para mim, era quase impossível compreender o que elas queriam dizer. Falavam de um cuidado onde o medo estava imiscuído, e dentro de mim ele não reverberava. Apenas uma dor profunda, dor de morte e de despedida. Sentia-me incompreendida, injustiçada, e somente anos depois entendi estar sendo iniciada no Elemento Fogo. Teria de passar no inferno e no calor de suas labaredas. A nítida sensação de estar vivendo um rompimento me acompanhava. A agonia chegava a tal ponto, que meu corpo físico expressava, nele mesmo, manchas vermelhas que ardiam como se estivessem queimando. A solidão da iniciação era minha grande companheira. O mesmo sentimento de infância... Aos sete anos, fui curada de uma doença aparentemente sem cura: a asma. Desde os sete meses esse sintoma tomou conta do meu ser. As pessoas que cuidavam de mim

— minha mãe e minha madrinha — buscaram todos os meios possíveis para que minha saúde se restabelecesse.

Em vão. Eu era uma criança frágil e passava a maior parte do tempo deitada, embalada na própria solidão, tendo o mundo povoado por seres invisíveis com os quais mantinha contatos belos e verdadeiros. Fui levada a inúmeros doutores. Cheguei a escutar alguns deles dizerem: “Se houvesse cura para a asma, meu filho seria o primeiro a ser curado...”. Foi naqueles momentos que ouvi, pela primeira vez, a palavra cura com tanta ênfase. Um dia, numa das crises asmáticas mais fortes, época de Lua Cheia, apareceu em minha casa uma senhora falando sobre um homem que curava com as cinzas da fogueira de São João. Essa notícia foi recebida com ceticismo por todos, mas que mal faria levar-me para mais essa tentativa? Nada havia a perder. Era época de maio. Mês seguinte, a grande festa: São João. No local onde nasci, essa festa é considerada sagrada, pois a fartura dos campos de milho anuncia às casas o alimento garantido.

No Dia de São João, Lua brilhando nos céus, fui levada para que a cura se efetuasse em mim. Eram muitas pessoas, dezenas e dezenas. Fiquei olhando todas elas; a inocência dos meus sete anos conduzia-me a uma entrega e confiança sem limites. Não podia imaginar estar fechando um ciclo. Um setênio em mim, estava sendo concluído e o Grande Espírito enviava sua primeira grande mensagem sobre o meu Propósito: trabalhar com a Cura, absolutamente ritualística. Quebrar padrões e inovar. Isso faria parte da minha história pessoal.

O curador, um homem pequeno e sereno, pegou-me pela mão com simplicidade e ternura sem iguais. Levou-me até as cinzas que delimitavam o espaço circular, onde a madeira fez sua entrega e doação ao fogo, e onde brilhavam ainda pequenas chamas. Pediu-

me circular por três vezes, dizer algumas palavras e ajoelhar-me com um pouco de sal na mão. Após enterrar o sal nas cinzas, peguei a mão de minha madrinha e fomos para casa. Antes de sair dali, olhei para todos que se encontravam no local. Buscavam a energia daquele homem para serem curados. Ele pegava suas mãos e, com eles, andava ao redor da fogueira, dizendo palavras inaudíveis; ao final, colocava em suas mãos um pouco de sal, que deveria ser enterrado nas cinzas ainda bastante quentes.

Daquele dia em diante, nunca mais tive crises asmáticas. Estava curada. Eu era uma criança livre: podia correr, jogar bola, sorrir, chorar, tomar picolé e banho de mar. Podia viver! Fui levada por mais dois anos consecutivos — até os 9 anos — para que a cura fosse consolidada para sempre. Fazia parte do ritual, e aprendi que todo ritual deve ter seu assentamento solidamente construído. As etapas de início, meio e fim devem ser respeitadas e seguidas por todas as pessoas. Quando comecei a trabalhar com rituais, as fogueiras sempre estavam presentes, representando meu elo entre nossa Mãe, a Terra, e o cordão de luz que nos liga à Fonte.

Lembrar-me desses momentos de descoberta me fazia reverberar feliz. Mais uma vez escutei minha Guiança dizer: “As pequenas revelações trazem uma profundidade sem limites. Essa é a essência da simplicidade: o micro contendo o macro... O grão de areia contém todo o deserto, e este, no que lhe concerne, contém todo o Universo. As cinzas da fogueira contêm as árvores que se doaram, assim como as cinzas contêm também todo o fogo que consumiu a madeira virgem daquela árvore que, generosa, se fez fogo, para que tu, te revelaste e te curaste. A oração traz contida a subjetividade que substancia os sentimentos da devoção e da entrega. Eis a essência da vida. Eis a essência de mim. Teu coração compreende o que falo porque ele ama os gestos e os dizeres

despojados, mas tua mente ainda privilegia elaborações muito sofisticadas. Quando tua mente puder saciar a fome que a devora, poderá compreender aquilo que te falo agora”.

Durante alguns minutos fui invadida por um estado de intensa contemplação. Estabelecia a partir dali um forte vínculo entre meu pequeno eu — a personalidade —, meu grande eu — minha Guiança — e o infinito eu, a Fonte Original.

Abria a prisão interior cada vez mais para que minha consciência se expandisse. Essa ação fazia brotar um respeito pleno de reverência ilimitada por tudo que estava ao meu redor. Tudo era eu mesma. Esse estado de unidade foi se consolidando a cada dia de minha vida. Sentimentos confusos muitas vezes me assolavam. Afinal, quem era essa desconhecida que me habitava? Onde estava aquela mulher que gostava de fins de semana com amigos, indo à praia, tomando cervejas, conversando e resolvendo os problemas do mundo e, no dia seguinte, irritada, tendo de cuidar de si, da casa e da sobrevivência? Os valores iam sendo modificados com uma velocidade que mal me dava tempo para respirar. Meus fins de semana agora eram dedicados a caminhar na mata, fazer fogueiras, buscar pessoas e locais onde pudesse de alguma forma me ressignificar. O alvorecer e o entardecer me davam suporte para encarar a vida e a morte que se processavam em mim. Certo dia, contemplando o nascer do Sol, escutei-o falar: “Faço parte do Fogo existencial. Sou uma centelha desse Fogo e tu, minha querida, és uma centelha de mim. Em qualidade, és idêntica a mim, mas diferes em quantidade. Tu iluminas um ponto no teu planeta enquanto eu o ilumino por inteiro, e a Fonte da qual sou apenas uma centelha ilumina não só o planeta, mas o infinito e tudo aquilo que está além do infinito”.

Lágrimas quentes escorreram por minha face. Fui honrada, mais uma vez, pelo Elemento Fogo, meu Avô!

Desde que nascera, foi preparada imperceptivelmente para iniciações com os quatro elementos. Este elemento precioso do qual falo agora me acompanha iluminando questões relativas à saúde, seja em que nível for: físico, emocional, mental ou espiritual. Sinto-o quando minha consciência se amplia, e me aparece uma intensa luz.

Descubro cada vez mais a importância das meditações, do silêncio interior, da alimentação que pratico; sigo fielmente o que me é passado durante esse estado.

Certa vez, desejei muito realizar o ritual de caminhar pelas brasas. Sentia uma necessidade enorme de passar por esse teste de fé. Procurei pessoas que poderiam ajudar, mas não as encontrei. Compreendi que, mais uma vez, deveria estar comigo mesma e com a Fonte. Acendi uma fogueira, esperei as brasas surgirem e comecei a dizer as palavras sagradas que um dia, na minha infância, ouvi o curador da fogueira a dizer-me. Ainda que nervosa e bastante insegura, segui. As palavras surgiam e se iam... O meu corpo, com suas memórias gravadas, concebia movimentos inusuais, que eu sentia fazerem parte de ritos ancestrais, de uma linhagem da qual faço parte, perdida no tempo e no espaço, e que, a partir dali, eu deveria rastrear até o último fio.

O vento fresco colaborava para o bem-estar daquele instante, com o céu pleno de estrelas e o canto dos animais noturnos... Após tentar repetir algumas vezes as palavras, percebi que esquecera da última delas para completar o ciclo de permissão ao ritual. Esforcei-me o mais que pude; não consegui. Toda a fluidez daquele momento se foi; mesmo assim, teimosamente (típico de mim), realizei o rito. As brasas ardiam vermelhas, vivas, convidando-me a

pisar nelas. Tenho que ir, disse a mim mesma. Ao primeiro passo, senti o calor penetrar minha pele e minha carne. Doía, mas eu não queria recuar. Continuei até o fim daquele caminho e, ao sair, chorava de dor. Vergonha de mim, da queimadura profunda no pé esquerdo e no meu coração. Não tive fé suficiente. Disse ao Fogo: Por que fizeste isso comigo? Por que preciso passar por algo tão doloroso? O elemento olhou-me e, entre brincalhão e compreensivo, disse: “Nada fiz contigo. Realizaste a cerimônia com as energias da teimosia e do orgulho. Lembra: teu aprendizado passa necessariamente pela paciência, visto que ela será tua maior virtude e, o amor, a tua maior força. Cuida do teu corpo físico e, quando teu pé estiver sarado, estarei pronto para ti e tu estarás pronta para mim”.

Saí dali sentindo-me muito mal por todo o acontecimento. Um misto de incompetência e de tristeza me consumia. Não me achava digna do meu Avô, o Fogo, aquele que me curou. Cheguei em casa, tomei um banho e comecei a cuidar do meu pé, que ardia quase insuportavelmente. Diante de toda a minha família, eu não queria demonstrar tanta dor, pois, como explicar algo tão íntimo? Meu coração de aprendiz, sereno, me transmitia paz e, dentro de mim, no mais fundo de mim, pedia perdão à minha Guiança. Adormeci com a certeza de que passaria alguns dias em sofrimento, mas, inexplicavelmente, no dia seguinte não havia mais nada — nem dor, nem ferimento. Olhei tão espantada para o pé que uma das pessoas da minha família perguntou o que estava acontecendo comigo. Respondi: Nada. Deve ter sido um sonho que tive...

Meses após essa primeira tentativa de passagem pelas brasas, recebi, em meditação, uma mensagem: eu encontraria alguém que me faria um chamado; nesse chamado, a menção do Elemento Fogo seria o sinal para que eu concordasse em participar. Aguardei,

sabendo que o melhor a fazer seria relaxar e entregar-me ao momento desse encontro. Dias depois, conheci uma mulher que me falava de rituais. Perguntando-lhe sobre os elementos, ela me convidou para participar de uma cerimônia com o Fogo. Meu corpo quase ficou trêmulo; senti minha Guiaça dizer: "Com ela realizará o ritual que estás aguardando". Aceitei o convite com o coração em festa.

Esperamos a Lua Cheia aparecer no céu. Eu o olhava, estrelado, e sentia o vento fresco que passava. Havia cheiro de celebração no ar. Pensava comigo mesma se passaria novamente nas brasas. Perguntava à Fonte o motivo por que me submetera a passar por esse teste sozinha; questionava por que não fora impedida desde o início. Não obtinha respostas. Eu, de verdade, queria mais respostas, sem entender que, para obter respostas através de um nível subjetivo, precisaria estar calma e confiante. Se estivesse menos ansiosa e menos frustrada, veria que as respostas já haviam sido me dadas.

Fui compreendendo minha ansiedade enquanto fui me vendo um pouco assustada. Aquele lugar, nunca vira; aquelas pessoas, não as conhecia. Afinal, para que pensava em respostas de algo que vivera se, naquele momento, me propus viver um ritual sem ao menos ter ideia, por menor que fosse, do que se tratava? O passado me chamava, mas eu teria de viver o presente. Ali, naquele agora.

Uma mulher chamou-me docemente, avisando que eu estava sendo esperada. Vi um círculo de pessoas em volta da fogueira. Fui caminhando, feliz e assustada. Xiruí veio receber-me. Ela, imagem especular de mim mesma, seria minha mestra no cerimonial.

A fogueira crepitava solene seu cântico de amor. As labaredas eram como chamas ardentes dentro do meu coração. Ouvi o som

dos tambores e uma canção forte ecoou dentro de mim. Senti a força, ou a frequência, daquele som. Forte e poderoso como aquele momento exigia, suave como meu ser suportava. Dançamos, sem cessar, durante duas horas. O suor descia pelo meu corpo e meus olhos já não mais enxergavam a fogueira crepitando. Agora, para mim, só havia luz. Uma grande bola de luz no centro e sons contínuos, sequenciados. Recordei-me de um tempo longínquo em que me foi revelado ser o Fogo meu Elemento de Cura. A ele me dediquei todos os dias da minha vida. Seja acendendo fogueiras, dançando para o Sol, celebrando a alba às primeiras horas da manhã e ao entardecer, quando via o Sol despedir-se cedendo lugar às primeiras estrelas. Meu canto para os raios e trovões era minha homenagem à energia pulsante que o Fogo me fazia recordar e viver. Por seu intermédio, podia visualizar tudo de que precisava. Tudo o que queria. Revi, enquanto dançava, através de imagens vívidas, as várias lutas que a dualidade travava em vários planos da existência. Dilui-me em Mestres e em duplos de mim mesma. Quantos Mestres dedicados ao nosso planeta, dedicados a proteger nossa Pachamama, nossa generosa Gaia! Tantos seres amorosos tentando trazer Luz, Cura e Consciência à nossa humanidade!

Os tambores me remetiam a um tempo antigo, e não sentia mais meu corpo físico. Meus pés pareciam não mais existir.

De repente, o silêncio se fez dentro de mim. Fui chamada ao centro do círculo, próximo à fogueira. Olhei a mulher que estava à minha frente. Parecia estar sonhando, pois, ela era eu, e eu era ela. Ouvia-me falar fortes palavras vindas de outra realidade onde os sons eram decididamente do imaginário, do sem forma, do Tudo e do Nada. As brasas estavam como um tapete, crepitantes. Ela (eu) olhou dentro de mim, dos meus olhos, segurou minhas mãos e

beijou-as. Numa atitude de profunda reverência, dirigiu-se ao Fogo emitindo sons absolutamente criativos, cuja compreensão só podia se fazer pelo abrandamento do coração — mente alguma poderia decifrá-los. Ali estava eu, completamente entregue. O céu estava limpo, sem uma nuvem sequer. Passei pelas brasas com a ajuda daquela mulher índia, Senhora dos Elementos, também Fogo, eu. Todas as pessoas estavam silenciosas. A partir daquele momento, também pertencia à Tribo dos Pássaros de Fogo.

Ao final da passagem, fui recebida por uma das pessoas do círculo. Meus pés foram envolvidos por um líquido suave e morno. Não havia dor — nem durante, nem após a iniciação. Só alegria, beleza e êxtase. As lágrimas rolavam pelo meu rosto. Podia sentir a ternura e o amor imenso que envolviam aquele momento. A mulher. As mulheres. Minha mestra. Xamã. Raio de Luz. Esse seria meu nome a partir de então. Em qualquer Tribo dos Pássaros de Fogo por onde passasse, seria recebida pelo nome de Raio de Luz. Ouvi um som. Um raio. Via minhas irmãs ajoelhadas em círculo, agradecendo à Fonte por todo o ritual vivido; eu agradecia respeitosamente por sentir a profunda ampliação de um dos meus maiores talentos: o da Visão, meu terceiro olho. O Fogo. Na despedida, minha gratidão e meu amor. Deixava aquele local levando comigo a doce e firme memória do encontro vivido. Levava comigo, marcadas em meu ser, algumas das poderosas contas que comporiam meu rezo xamânico: o respeito, o compromisso e a honra.

O tempo ia sedimentando em mim as revelações. Algumas, tinha a permissão para decifrar, enquanto outras se uniriam para formar a teia que me faria continuar minha jornada nesta existência. Algo se acelerava em minha mente e o sentido da vida ia sendo ampliado. Meus códigos e padrões já não tinham a força de me

aprisionar. A águia alçava voo! Meu maior desejo era cada vez mais estar em intimidade com a natureza, contemplar as árvores, ver o bambu balançando ao vento, sentir o cheiro do mato e da terra molhada. Esses eram meus grandes amores.

Os rituais com o Elemento Fogo se tornavam cada vez mais frequentes, e o bailado das salamandras me levava a dançar mais comigo mesma. As danças, de uma forma geral, e as sagradas, em particular, fizeram-se mais presentes no meu dia a dia, até se transformarem em vivências abertas ao público. Foi em um desses trabalhos que conheci uma linda mulher. Ela falava bastante, contando suas histórias aparentemente sem sentido. Meu coração dizia algo que minha mente não conseguia compreender em relação a ela, e um amor mesclado a uma compreensão inexplicável aconteceu em mim. Dei algumas devoluções às suas questões e aguardei o dia em que voltaria a fazer trabalhos comigo. Na semana seguinte a essa vivência, decidi iniciar grupos que teriam o nome de "Grupos de Autoconhecimento". Aquela mulher se inscreveu. Ela veio — pensei. O Elemento Fogo está chegando materializado em forma feminina. Como todas as pessoas que pertencem a esse elemento, ela trazia as virtudes da sensualidade, da sexualidade, da beleza, da vitalidade, assim como as desvirtudes da luxúria, da depressão, da falta de objetividade e da traição.

Começamos a trabalhar, e ela foi se conhecendo mais. Adquiriu confiança, resgatando sua dignidade, tornando-se inteira e mais mulher. A vida me reservava muitas surpresas, e o belo desta existência é que tudo é muito inesperado, absolutamente original! O tempo foi passando e nos tornamos muito próximas, começando a viajar pelo mundo. Numa certa viagem, convidei-a para um trabalho profundo com um xamã, cujo foco principal seria o contato com o Elemento Fogo. Ela aceitou; preparamo-nos internamente

para esse trabalho. Viajamos como velhas conhecidas: eu, com o silêncio que me acompanha, e ela, com a entrega que lhe é peculiar.

No Peru, encontramos o xamã. Caminhamos com ele durante muito tempo. A intimidade entre nós e o Vale Sagrado dos Incas se fazia mais e mais forte... Olhava as montanhas, as pedras, as formas das águas que desciam pelo vale... Tudo me falava! A neve ao longe me acenava com sinais de puro acolhimento. Sentamos em determinado templo e, trazidas pelo Ar, escutávamos as preces que vinham do Sol, Elemento Fogo por essência. Momentos eternos de uma intimidade sem igual.

Levantamos e, guiadas pelo xamã, seguimos nossa trilha. Repentinamente, ela deu um passo e torceu o pé. Seu rosto de dor me fez perceber o sofrimento e a gravidade da situação, mas eu não podia parar para cuidar dela, pois havia assumido um compromisso maior naquele momento: minha alma de xamã precisava escutar profundamente o canto da alma daquele que me guiava. Nada podia desviar meu coração e minha mente. Aprendera que, quando uma xamã entregava sua alma, entregava sem reservas ou divisões.

Fui percorrendo suavemente os caminhos por onde andaram meus ancestrais, resgatando de minha memória celular os fragmentos que compõem o meu ser. Cantei e dancei para o Fogo quando o crepúsculo iniciou seu movimento: o adormecer do Sol naquele lado do planeta e, no mesmo instante, seu despertar em outro ponto distante desse mesmo planeta.

À noite, sentamos em silêncio num pequeno restaurante de Ollantaytambo, enquanto à nossa volta os nativos se deliciavam com suas bebidas alcoólicas e assistiam a um ruidoso programa de televisão. Olhei o pé daquela mulher e pedi que o colocasse em

meu colo para que cuidasse dele. Fechei meus olhos e permiti que minhas mãos sentissem o exato local onde deveria trabalhar. Fui vagarosamente liberando a tensão de meus dedos e eles puderam agir e sentir a fratura em um dos ossos do pé edemaciado. Eu me diluía em cada gesto, gerando um ritmo suave e profundo, exigido em ocasiões como esta. Minutos depois, pedi que a mulher caminhasse, pois, o pé estava curado. Levantando-se, ela caminhou; toda a área edemaciada voltou ao normal. Dormimos com mais esse aprendizado: a Cura se processa em todo e qualquer lugar onde a Fé e o Amor estejam presentes.

No dia seguinte, sentia a voz do Fogo a me chamar; não um simples chamado, mas uma exigência. Falei com o xamã, solicitando um ritual para tal elemento, ao que ele me respondeu sorrindo, dizendo que preparara um ritual especial para aquela mesma noite — era um dos momentos em que as palavras ficavam absolutamente sem sentido.

Mais uma vez o Templo de Ollanta me acolheu para o rito. Os elementos da natureza começaram a falar. Dirigi meu olhar para o céu e percebi a intensidade do brilho das estrelas e as poucas nuvens que se apresentavam. O xamã entoava algumas preces enquanto eu entrava em contato com minhas irmãs, as nuvens. Elas caminhavam bem rápido. O céu, a cada segundo mais belo; as montanhas falando num tom doce e forte simultaneamente. A montanha à minha frente enviava mensagens e foi se transformando por inteiro num belo índio que dizia: “Você voltou”. Por trás da montanha resplandecia a Lua, bela e majestosa como um brilhante. Tal como uma pedra preciosa em uma tiara, ela se localizava exatamente no alto da cabeça do índio. Nosso único movimento foi o de, humildemente, reverenciar toda aquela visão. Escutei o xamã falar: “O espírito de San Pedro começou a atuar antes mesmo que

você tomasse o chá. Wachuma te aguarda!”. O cálice de prata me foi mais uma vez oferecido, e a bebida escorreu dentro de mim, fazendo-me sentir o peculiar gosto da erva do deserto.

Ao levantar o cálice para tomar a última gota contida naquele recipiente, tive a percepção clara da Lua como o olho de Deus na noite guardando amores, dores e celebrações aqui na Terra. Sussurrou-me o xamã: “Toda essa beleza é um grande presente para você, pois hoje, Mama Quilla, a Lua, não se faria presente nos céus do Peru. Significa que ela estará presente em seus rituais de cura. Agora, olhe profundamente para a montanha e perceba o que ela tem para você”.

Olhei direta e corajosamente para o ponto mais cintilante daquela luz prateada e entrei, através de uma energia em simultâneo, amena e vigorosa, no Templo do Fogo. Um grande e profundo túnel surgiu à minha frente. De início, muitas serpentes dançaram. Belas, sensuais e tentadoras, deslizavam mansamente pela minha Mãe, a Terra. Meu coração me guiava com uma atenção ímpar. Meus olhos não se sentiam seduzidos. Inúmeras vezes desejei contemplar por mais tempo toda aquela beleza, mas uma força superior me guiava cada vez mais para dentro do túnel. Caminhei segura e pacificada em mim mesma. À medida que entrava no túnel, as serpentes tornavam-se mais sutis; suas cores e suas formas se modificavam e tudo se transformava. Chegando ao ponto em que, para mim, era aquilo que buscava, vi uma belíssima serpente em posição vertical. Tinha asas, e seu olhar era voltado para o vazio, um vazio que me era íntimo, pois em experiências anteriores já o contatara. Esse era o vazio preenchido por mim mesma. Dirigi-me a ela solenemente e recebi a ordem de sentar-me em seu colo e aquietar-me. Sentei; todo o meu corpo se desvaneceu. Eu não existia e existia ao mesmo tempo. Dilui-me

naquele ser dourado e morri. Fui para o vazio por mim venerado, mergulhei no meu abismo interior e vi o pássaro dourado que me aguardava com tanto amor, dizendo: “Agora, levar-te-ei em minhas asas para conheceres as dobras do tempo”.

Em um espaço cósmico sem fronteiras e limites, naquela imensidão que chamei Universo, senti-me um grão de poeira. Dirigi-me à Fonte Existencial e perguntei como poderia eu realizar algo pela humanidade se eu me sentia um nada diante daquela imensidão. Como posso, Fonte da minha existência, contribuir com a expansão da Luz, se me sinto um átomo em todo esse cosmos? Minha Guiança falou: “Você já viu um átomo? É uma partícula tão aparentemente insignificante que é raramente vista. No entanto, sua força é tão poderosa que consegue destruir uma montanha ou um planeta. Perceba, cada vez mais, a grandeza contida no infinitamente pequeno. Não se iluda com a quantidade. Não é a forma que dá a dimensão da qualidade; é na essência que reside a grandiosidade. Sinta-se um átomo de mim, assim você é eu e eu sou você”.

O som do silêncio embalava toda aquela imensidão. O pássaro dourado me reconduziu até o túnel e vi-me sentada, outra vez, no colo da serpente. A voz do Elemento Fogo inundou minha mente: “Cada ser com que entraste em contato nessa experiência é uma fração de mim mesmo. As serpentes com que te deparaste inicialmente representam teus testes terrenos, e por muitos passarás. Estarei em cada um e, ultrapassando cada uma dessas tentações, me perceberás mais verdadeiramente. Faço parte, minha querida, da constituição original da existência. Sou vida e morte, sou centelha que incendeia florestas, sou chama que aquece corações, sou paixão devoradora, sou ódio que destrói, sou amor que constrói. Por meu intermédio os sentimentos são aquecidos e

os movimentos se realizam. Agora me recolherei e penetrarei onde sempre me encontrarás quando precisares: no teu coração”.

Logo percebi meu corpo físico e, como em outras vezes, um choro incontrolável me dominou. Diluída em mim mesma, não sentia a lei da gravidade. Minha matéria estava acima do corpo da Terra. Estava levitando! Minhas células eram células do Universo e minha mente confirmava o aprendizado de um forte sentimento que me acompanhava: de verdade, dentro e fora, em cima e embaixo, era a mesma coisa. Significo uma parte do caos cósmico em permanente descoberta, portanto, diluição e constituição concomitantes. Olhei mais uma vez para a montanha sagrada e enviei-lhe ondas de amor que perpassavam meu corpo; o guardião da montanha falou: “A você enviarei, agora, um presente”. Minha mão tocou, como por milagre, uma pedra pequena. Acariciei-a sem saber exatamente o significado da sua forma. Meus dedos podiam sentir a maciez da pedra, suas partículas suaves e sua temperatura acolhedora. Disse a mim mesma: “É a cabeça de uma serpente!”.

Coloquei a pedra no altar de poder e aguardei o despertar do Sol, visto que em pouco tempo ele chegaria. O céu já começava a mudar de cor. Raios dourados e outros coloridos envolviam o templo. Os animais já se pronunciavam. Quando o Sol acentuou seus raios no horizonte, fui em busca do meu presente e constatei, maravilhada, que era realmente a cabeça de uma serpente. Minha mente em ação disse à montanha: “Foi você mesma que enviou? Como posso saber que não estou me enganando?”.

O ser guardião me disse: “Observa que a pedra tem um sinal claro de que foi arrancada, quebrada de outra pedra. Tirei parte de mim mesma e enviei a você”. Notando cuidadosamente, constatei na cabeça da serpente o ponto exato onde houvera sido quebrada. Meu coração dava saltos de felicidade e tudo vibrava em mim.

Fonte de mim, minha casa interna está sendo limpa, meus amores chegando, cada elemento um convidado amado, e eles habitarão para sempre o meu ser. Cada elemento da natureza, assim como eu, é uma parte de ti; recebendo-os, recebo a ti também...

Mulher Fogo olhava para mim. As lágrimas escorriam em sua face e tudo nela era entrega e reverência. Pegou-me pela mão, ajudou-me a levantar e a caminhar. Meu corpo estava leve como uma pluma e meu olhar tocava o vazio preenchido pela plenitude. Do meu ego, naquele momento, nada restava. Da mulher escutei palavras em um sussurro: "Assim como tu, sou também uma devota. Caminharei ao teu lado até quando a Fonte me permitir".

Lentamente alcançamos a saída do templo; o xamã, silencioso, guiava-nos a um local onde poderíamos dar atenção ao nosso corpo físico. O banho, o alimento e o repouso eram essenciais. Eu caminhava serena, e cada passo dado externamente era um passo dado para dentro de mim mesma.

Encontrei uma anciã na saída do templo. Ela não enxergava. Sentei-me perto dela e abracei-a. Ouvi um pouco de suas histórias sobre o frio e as noites longas de inverno. Ofertei-lhe o meu poncho. Meus pensamentos falavam: O que mais quero da vida? Penetro os lugares mais sagrados em mim, sinto a Fonte em cada célula do meu ser... O que mais posso querer? Mulher Fogo, minha amiga, minha irmã da Tribo dos Pássaros de Fogo, que pacientemente aguardava, ajudou-me a levantar e a seguir.

ELEMENTO AR

Meu Elemento Aliado. Sempre me ajudaste em todos os meus trabalhos. A ti me entrego agora mais uma vez.

Para ser o canal através do qual sua voz é ouvida durante meu processo de encarnação neste planeta, fui aprendendo a manter uma profunda intimidade com este elemento. Criança ainda, buscava-o com um desespero sem limites, principalmente nas noites de Lua Cheia, quando a doença da asma tomava conta de mim. Eu lutava, uma luta que me levava à exaustão. Naqueles momentos, pressentia a Senhora da Morte ao meu redor espreitando, como as aves do deserto esperam pelo alimento que as faz viver. Meu corpo frágil, mesmo assim, sempre ganhou essas batalhas. Pessoas conhecidas chegavam ao quarto para ver aquela que estava destinada a morrer antes mesmo de nascer e de conhecer o mundo. Flores me eram trazidas e terços rezados tentando espantar as dores e os temores.

Minha avó Mariazinha, com toda a sua bondade, vinha estar comigo todas as manhãs. Seu cabelo era negro, apesar da idade; enrolado em um coque, cheirava a erva do mato. Ela exalava um cheiro que me fazia bem, e esse era o único odor que eu suportava. Meu mundo se resumia a um quarto, livros de história (muito cedo aprendi a ler) e algumas bonecas. Minhas crises de asma se sucediam com frequência e violência extraordinárias!

O amor de outra mulher, minha madrinha, era comovente. Eu a via chorar por mim, mas, em minha inocência, não sabia o que era

sofrer. Acreditava que todas as crianças tinham aquela doença. Era normal ser assim. Por que ela chorava? Na minha ingenuidade, quando ela saía, eu chorava por ela. Fui me adaptando àquele modo de vida e percebendo, através da respiração, que existia outro mundo que ninguém via, só eu. O mundo encantado. Comecei a querer falar desses mundos para quem estava próximo a mim. Algumas pessoas (poucas pessoas) gostavam de conversar comigo. A maioria não conseguia escutar duas frases minhas. Sempre demonstravam um ar de incredulidade e certa "benevolência". Sempre tentavam me dissuadir da veracidade do meu contato com outras realidades. Diziam, advertindo-me, que tudo aquilo era bobagem, fantasia, coisa que não se deve falar para ninguém. Perguntava-me: se eram bobagens e fantasias, por que não falar? O que havia de mal em contar histórias e falar de outros mundos? Por uma necessidade de compartilhar esse tema e não ter ninguém que pudesse escutar, aproximei-me cada vez mais de um ser de outra realidade que era um misto de anjo e demônio. Anjo, porque seu olhar só me passava confiança, e tudo eu podia lhe dizer. Demônio, porque me provocava a sair daquela cama e olhar pela janela as brincadeiras das crianças na rua: jogo de bola, picolé de goiaba escorrendo pela boca risonha de jovens adolescentes... Essa visão do mundo me levava à tentação de, às escondidas, quando não estava em crise, arriscar sair do quarto e ousar correr um pouco, interagindo com as crianças felizes na rua sem calçamento, toda pavimentada de barro. Um estranho sentimento, que hoje chamo pertencimento (naqueles poucos momentos), tomava conta de mim; apesar da minha fragilidade física, do meu desajeitamento em correr, pegar a bola, sempre sendo a última a ser escolhida nas brincadeiras em pares, eu me sentia viva, incluída em um grupo da minha mesma idade. Eu pertencia a um coletivo.

Na maioria das vezes, o preço a pagar por essa migalha de felicidade era alto demais. As crises fortes da asma, que só aconteciam na Lua Cheia, aconteciam mais frequentes quando das minhas saídas para brincar. As crises vinham bem antes de a Lua aparecer no céu, não me permitindo adormecer e sonhar. Uma espécie de castigo celestial por sair da prisão infantil que me houvera sido imposta. Na minha solidão, esperava. Na minha agonia, conseguia intuir que algo de bom aconteceria.

Nos momentos mais difíceis dos contos de fadas que lia, sempre algo de bom acontecia. O príncipe chegava, as flores desabrochavam, uma música com seres celestiais aparecia... E, ali, imobilizada naquela cama, esperava. Minha espera nunca foi inútil. Podia se passar algumas horas, ou mesmo alguns dias. Um ser me aparecia. Ele me escutava e me ensinava. Lições que nenhum ser humano jamais me ensinaria. Preciosidades de um campo de complexa sabedoria. Com ele, mantinha diálogos profundos.

Quem é você? Perguntava, ao que ele respondia: "Sou teu Avô, o Ar, aquele que te dá a vida e te presenteia a morte. Sou a tua respiração". Eu insistia: por que você se afasta de mim, vai embora, eu lhe busco e não encontro? "Me afasto para que você se aproxime do que chamam morte, significado da minha ausência; me aproximo para você poder sentir aquilo que chamam vida". Questionei: O que é vida e o que é morte? Ele elucidou:

"Tudo é um grande e poderoso movimento que chamam respirar. Ondas de um contínuo. Como o mar... Quando o escuta, me escutas. Enquanto existir o movimento, te é presenteado o estado que chamam vida. Cessando o movimento, vais ao encontro do estado que chamam morte. Vida é o movimento de preenchimento, e morte é o esvaziamento."

À medida que esses diálogos e contatos iam se fazendo mais frequentes, meu mundo interior se tornava mais fortalecido. As camadas da minha mente linear iam se ampliando, e eu ia tendo acesso a realidades paralelas que, no cotidiano, poderiam parecer duvidosas. Absurdamente irreais. Eu sabia que elas eram tão reais quanto minhas crises asmáticas, tão reais quanto meus sonhos ao dormir, quanto minhas impossibilidades de ser uma criança “normal”. Contactei com que chamam Luz e com o que chamam Sombra. Consegui ver serem faces da mesma moeda. Uma era a versão invertida da outra. Estranho jogo da vida. Em alguns momentos, quem me falava da vida era uma das faces daquele ser que denominei demônio, ao passo que quem me falava da morte era a outra face dele mesmo. A esta, nomeei anjo. Nas histórias que os adultos me contavam, era exatamente o contrário. A vida era o anjo do bem e, a morte, o demônio, o anjo do mal... Não conseguia entender os adultos e suas histórias. Da mesma forma que esses seres surgiam, desapareciam, e eu ficava com esses enigmas para decifrar.

Lembro de tantas vezes em que minha avó sentava ao meu lado e ficava me olhando... Via suas lágrimas escorrendo e dizia: Vó Maria, não chore, eu gosto muito de você! Ela respondia: “Sei, minha filha, mas sinto que não ficaremos muito tempo juntas...”.

Ela me contava histórias de um mundo muito feliz, sem doenças e dores, onde todos tinham saúde e alimento. Eu dizia a mim mesma: esse mundo não é o meu. Perguntava-lhe: lá tem ar para todo mundo? Ela me olhava meio intrigada: “Tem, tem ar para todo mundo”. Questionava eu: então lá não tem asma? Ela ria e dizia: “Não, lá só tem saúde!”.

Assim fui adquirindo conceitos do que era sofrimento, saúde, alegria e felicidade. Enquanto ouvia suas histórias, ia sendo

embalada pelo seu cheiro de ervas e sua voz macia. Meus pensamentos voltavam para os encontros e seus/meus enigmas. Meus segredos infantis. Era como se naqueles doces momentos a voz de minha avó fosse me dando confiança para eu poder decifrar meus próprios códigos.

Comecei a formular concepções bem definidas do que representavam aqueles dois seres, anjo do bem e anjo do mal, que internamente denominei amigos; eles me acompanhavam dia e noite. Vi que eu pertencia a vários mundos, e em dois deles — o da Terra, onde eu encarnara, e o outro mundo, pertencente ao que chamo realidade paralela — eu podia confiar em duas figuras que me eram caras: no mundo da Terra, a minha avó, Mariazinha, e em uma das realidades paralelas a que tinha acesso, o meu Avô, o Ar. E quem me fazia acessar esses mundos? O espaço limite entre mim e Eu.

Quando tudo em mim, parecia perdido, meu Avô me levava a experimentar campos amplos, onde formas, cores e seres bailavam, ensinando-me a diluir-me, a experimentar o estado da não gravidade. Amigos do mundo da subjetividade apareciam e conversavam comigo; ensinavam-me tudo que deveria aprender naqueles momentos. Duas referências emblemáticas em minha vida: minha avó e meu Avô, o Ar. A avó me falava das coisas da Terra e, o Avô, o Ser do Ar, das coisas do céu.

Dois anos depois, quando eu estava com seis anos, minha avó morreu. Foi ao encontro do meu Avô sem me ver participar de um mundo onde eu poderia brincar e cantar para ela, um mundo cheio de ar para todos. O tempo foi passando e um caminho herdado dos meus ancestrais foi se definindo: o Xamanismo. Este me exigia estar permanentemente na natureza, em contato direto com os quatro elementos, fortalecendo a intimidade com minha Guiança. As

minhas caminhadas pelas montanhas, suas subidas e descidas reforçavam o amor e o respeito por aquele a quem denominara anos atrás de Avô Ar. No decorrer das minhas iniciações, compreendi o lugar que ele ocupava na minha vida. Um soberano, meu elemento de poder ou aliado, “como queiras chamar”, dizia-me ele.

A maturidade me fez perceber o ato sagrado de respirar. Observava minhas células recebendo e doando. Via a paz e a plenitude em cada parte do meu ser. Nesses contemplativos momentos, minha criança interna se libertava dos grilhões que a aprisionavam, permitindo chegar à minha memória imagens fragmentadas de tempos já vividos.

O silêncio e a contemplação são companheiros que me possibilitam acessar memórias soltas. Em uma dessas ocasiões, ocorreu-me o privilégio de recordar um dos maiores ensinamentos que tive quando em mim se processava uma das últimas crises de falta de ar. Meu Avô apresentou-se diante de mim, revelando: “O que é a dificuldade em respirar, minha querida, senão o medo de morrer e o enorme desejo de viver? Tranquiliza tuas células, pois já sabes que sou teu Elemento Aliado. Jamais te faltarei. Por mínimo que possa parecer, estarei sempre presente Ainda no teu último suspiro aqui no planeta casa, Terra, estarás comigo. Sairás daqui exalando Eu em ti. Não temas a morte, a Grande Senhora. Ela virá. Sossega o teu medo, pacifica teus pensamentos e conseguirás compreender que o medo de não poder viver gera tua ansiedade e, no momento em que essa ansiedade se estabelece em teu corpo, tu me reténs e assim morres. Morres porque te desvias do grande oceano energético, pleno de mim, onde mergulham todos os seres que habitam minha irmã, a Terra, para assim usufruírem a mais bela de todas as artes, a de viver”.

Senti precisar escutar mais aquelas palavras, beber daquela Fonte. Em voz quase inaudível, pedi: por favor, explica-me melhor o significado dessa lição. Penso que minha compreensão não alcança tanta grandeza. Sua resposta afirmou: “A respiração é o fio invisível que liga todos os seres deste planeta ao Grande Espírito. Ela em si, é una, mas, como todo e qualquer processo que aqui na Terra ocorre, torna-se dual. Assim, o que é um — o processo conhecido como respiração — multiplica-se em dois — o inspirar e o expirar. Eis um dos mistérios do Criador”.

A interconexão entre as memórias havia sido aberta e rememorei uma das muitas experiências que tive em Machu Picchu, quando estava no alto de uma pedra imensa. O ar tocava meu rosto e a neblina se fazia cada vez mais forte. Eu sentia um frio muito especial, um frio acolhedor. Meu corpo entrara na neblina, até que me tornei una com ela. Ouvi a voz do meu Avô, que dizia, a brincar: “Minha querida, esta neblina representa a baforada do meu cachimbo; neste momento, realizo um ritual contigo. Sente o odor que a partir de agora a neblina exalará”.

Respirei confiante naquele dizer e, após alguns minutos, percebi minhas narinas abrirem-se suavemente e meus pulmões realizarem movimentos de dança e de vida. Um cheiro vindo das montanhas inundou todo o espaço. Do meu corpo exalava um perfume que trazia uma marca tatuada em minha memória olfativa: o cheiro da minha avó. Depois da sua morte, nunca mais senti aquele cheiro. O perfume era ela! Pude bailar com a neblina, e tudo dançava em. Senti um bem-estar indescritível. Pensava: Fonte da Existência, o que estou vivendo agora é a vida ou é a morte? Seja o que for, rendo-me ao Teu desejo e submeto-me ao Propósito que me é destinado por Ti, Espírito meu, universo de mim.

A pedra onde estava apoiada iniciou também seu pulsar, e todo o Universo se constituiu um grande útero, pleno de paixão. Vi do meu umbigo sair um fio luminoso ligando-me à Grande Luz. Uma paz infinita me invadiu e escutei mais uma vez meu Avô: "Independentemente da experiência, ela é absolutamente sagrada, pois, toda experiência faz parte dos Grandes Mistérios. Tentarei te explicar um dos ensinamentos que ainda menina escutaste. Perceba, xamã querida, que, ao inspirar, tu internalizas a vida que vem de mim. Eu te dou a minha vida e, quando expiras, eu inspiro a vida que vem de ti. Esse é o processo da Vida e da Morte que se estabelece ininterruptamente. Doamos nossas vidas um ao outro e nos tornamos Um. Por meio dessa doação amorosa, podes compreender uma das mais belas virtudes que deve ser praticada, segundo a segundo: a compaixão".

A brisa penetrante trazia o silêncio, deixando-me a tarefa de mergulhar em mim mesma e tocar a santidade daquele instante.

Um dos temas que mais me intrigavam naquela época era o significado da memória. Nas minhas buscas interiores, ia descobrindo que ela trabalhava por fragmentos, e seus inúmeros fracionamentos me davam sempre a nítida sensação de uma continuidade desorganizada. Eram peças que, gradualmente, iam se encaixando. Pedacos de quebra-cabeças em constante movimento até chegarem ao seu verdadeiro lugar. O ontem de hoje era o hoje de hoje e, ao mesmo tempo, o amanhã. Minha mente não conseguia organizar tantas questões; ainda que internamente as compreendesse, a elaboração era quase impossível de realizar. Meus pensamentos vagavam pelo espaço/tempo inúmeras vezes com essas questões. Tentava, quase sempre em vão, através das meditações, decodificar aquelas revelações. Percebi que deveria amadurecer em meu próprio ser para poder compreender. Comecei

a observar que a ansiedade estava tomando conta de mim e não me permitia desvelar meu próprio código. Eu ainda não estava pronta.

Algo me estava sendo doado. Um embrião. E eu precisava de tempo para gestá-lo e fazê-lo nascer em mim.

Em minha agonia, escutava a sábia voz da minha Guiança a dizer-me que a chave para a compreensão estava no exercício da paciência, no deixar fluir, maturar, para que, depois, o próprio Mistério se revelasse. Respirava e me entregava à Sabedoria maior; assim podia me acalmar. Minha consciência ampliava-se, fazendo-me ver a incrível teia que ligava todos os elementos da natureza. Pude perceber amplamente e consciente que o Ar é o único elemento que, nos faltando por minutos apenas, tira-nos a possibilidade de viver. Mergulhava sem tréguas dentro de mim, caçando meu próprio tesouro e buscando em meus esconderijos outras peças que me fizessem completar meu quebra-cabeça. Entedia o quanto era imprescindível aprender a confiar nesse movimento ondulatório de vida e morte para adquirir as qualidades da coragem, da segurança, do desapego e tantas outras fundamentais à nossa peregrinação evolutiva neste planeta querido.

Às vezes, as descobertas tomavam proporções inimagináveis. Sentia-me em uma espécie de furacão, girando em volta do olho da Fonte. Perguntava-me se suportaria tanta revelação, pois implícita em cada uma vinha inoculado o vírus da mudança. O que é mudar senão caminhar para o desconhecido, o sem forma? Meu ego, inúmeras vezes, parecia enlouquecer! Tudo em mim se modificara, minha forma de agir, de me alimentar... Em um processo de seleção interior, ia arrancando de mim tudo que não me servia. Validava a morte de uma Alba e o nascimento de outra. Tão diferente! Plena de uma energia que jamais pensei existir. Ilusões

quebradas e conceitos, antes tão fundamentais, liberados como se fossem bolhas de sabão jogadas ao ar e magicamente estouradas.

Meu trabalho como xamã se consolidava a cada dia e, conseqüentemente, todo o efeito que isso trazia: intuições, chamados, vozes... Foi assim que, certa manhã, dirigindo-me à clínica onde trabalhava, escutei um som que parecia vir das montanhas andinas. Mas como, se eu estava em plena rua de uma cidade, cheia de carros a buzinar, de pessoas a se locomover... Que sons são esses que estou escutando? — eu me perguntava!

Minha mente distraiu-me com pensamentos que poderiam me desviar do que estava escutando, mas minha Guiança não me dava trégua. À noite, num dos sonhos, apareceu-me um ser que dizia: "Sou um dos seres das montanhas. Deve vim até nós, pois é tempo de uma nova iniciação". Despertei com a decisão da viagem para dali a quinze dias. Organizei meu trabalho, minha vida pessoal e, mais uma vez, voltei ao Peru. Lá chegando, coloquei a mochila nas costas e fui para as montanhas, sozinha. Caminhei dias e noites por trilhas originais em busca dos dizeres da minha Guiança. As lembranças chegavam fortes e límpidas, recordações dos primeiros portais que atravessei em busca de mim mesma.

Em uma dessas ativações de memória, vi-me ainda muito jovem, deitada em uma cama enorme, tentando desesperadamente respirar. Meu corpo frágil ia adquirindo uma leveza indescritível; poderia voar se preciso fosse! Meus olhos começaram a ver muitos seres, e um deles chamou minha atenção em particular: a anciã, a primeira anciã com a qual entrei em contato. Ela me olhava, e eu, fascinada pela roupa que usava e pelo jeito que transmitia as mensagens, não conseguia sequer pestanejar. Tudo em mim era descoberta e compaixão. Ficamos um tempo ali — para mim, segundos ou eternidade, não sei. Ela sorriu um sorriso enigmático e

se foi. Como por encanto, a respiração se fez mansa e tranquila. A anciã trouxera a paz tão desejada ao meu corpo desnutrido, âncora de mim. Fui amadurecendo e percebendo minha devoção para com esse elemento querido e para com as avós que me acompanhariam nas caminhadas pelo mundo. Fazendo das memórias minhas companheiras mais íntimas, continuava a trilhar as misteriosas montanhas peruanas.

Dias e noites se passavam, e eu, que inicialmente sentia certa estranheza por estar sem um rumo definido, comecei a familiarizar-me com os caminhos solitários que percorria. Em uma dessas noites, olhava o céu pleno de estrelas quando ouvi minha Guiança: “Esta experiência representa o início do seu verdadeiro casamento: o interior”.

Adormeci no Vale Sagrado enquanto sentia um êxtase indizível. As estrelas brilhavam no céu e o vento cantava sua canção de amor. O rio fluía sereno por entre as pedras. A experiência da iniciação para tocar a Unidade estava cada vez mais próxima.

Despertei com o cantar dos pássaros. Iniciei também uma canção de gratidão e senti estar pronta para voltar ao meu país. Peguei o trem até Cusco e, durante o percurso, fui percebendo que o desejo ansioso que sempre me acompanhava havia se diluído. As luzes da cidade de Cusco me acolhiam. Desci do trem e passei pela feira. Os feirantes estavam abarrotados, com suas barracas e tendas de alimentos e bugigangas. Os nativos me sorriam e as cholitas, com seus filhos às costas, me olhavam com um carinho ímpar. Visitei alguns amigos, deixei acertado meu retomo para dali a alguns meses e fiz o caminho de volta ao Brasil. Retomei minha vida sentindo uma paz tão profunda que chegava a me assustar.

Meses depois, retornei com um grupo para, mais uma vez, fazer a Trilha dos Incas. Caminhava tranquila por entre as árvores,

deleitava-me nas águas geladas das nascentes e percebia o novo em algo que a mim já era tão familiar. O grupo ia fazendo seu aprendizado em seu próprio ritmo. Realizávamos alguns rituais e seguíamos nosso caminho. Próximo a Machu Picchu, a visão do xamã me apareceu. Senti certo frio no plexo solar e minha mente, atenta, logo falou: já vem coisa por aí! Ela tinha razão.

Encontramo-nos com o xamã e realizamos importantes ritos até o dia da partida do grupo. Quando as pessoas se foram, o xamã pegou-me pela mão e sorriu, dizendo: "Agora é o seu tempo. O Ar lhe aguarda".

Por mais que soubesse desses caminhos enigmáticos, minha mente ainda se assustava com alguns dizeres como o daquele momento, por exemplo. O xamã recomendou: "Hoje você repousa e amanhã realizaremos o ritual para este elemento". Como uma devota, de imediato aquiesci. No dia seguinte voltamos mais uma vez para as terras mágicas de Ollantaytambo.

Subimos uma montanha muito alta. Através da dança das nuvens e das folhas das árvores, o vento marcava sua presença. O frio era mais forte a cada momento. Logo apareceu à minha frente um lugar belo e antigo, que me dava a sensação de um espaço esquecido pelo tempo. O lugar das avós, foi o que me ocorreu. Comuniquei-me com o local oferecendo-lhe minha cumplicidade, e segui minha trilha. O xamã que me guiava para realizar uma das mais fortes iniciações pelas quais passei disse-me que sentasse em determinada pedra. Sentei, fechei os olhos e aguardei. Minha consciência ampliou. Diante da Grande Pirâmide Quadrada de Paqariq Tampu, eu submergi em muitas realidades paralelas.

De início, uma explosão de luz em meu terceiro olho quase me fez cair onde estava sentada. Deitando-me lentamente, pude receber a Visão Maior. Diante de mim, surgiu uma das minhas avós.

Seus cabelos eram prateados de vida; ela usava uma tiara de tecido. Vestia um manto especial bordado com grandes pedras vermelhas. Ela me olhou com seus olhos brilhantes e disse: "A cruz andina é a expressão viva da ligação do ser humano com os quatro elementos e, conseqüentemente, com a natureza. Olhando para este símbolo sagrado, podes sentir e perceber o segredo de alguns mistérios da vida. Quando, por exemplo, o ser humano decide vir à Terra, ele vem pleno de consciência da tarefa a realizar: a de iluminar cada ponto de escuridão deste planeta e inundar cada recanto com essa luz. Este ato é o Sacro Ofício, citado por minha irmã, a Terra. No entanto, como te foi ensinado em outras iniciações, após o nascimento, os humanos passam a não mais escutar o seu coração. O predomínio da escuta se transfere para a mente, limitada e limitante. O Sacro Ofício vivificante é substituído pelo sacrifício mortificante. A cruz é o símbolo vivo de Sacro Ofício, e não do sacrifício, como usualmente compreendido".

A voz silenciou enquanto minha visão se ampliava cada vez mais. Olhei para a pirâmide à minha frente e fui me aproximando até que nela pude, energeticamente, penetrar. Percebi ali a vida e a abundância de alimento. As terras ao seu redor se apresentavam férteis e permanentemente cultiváveis. Vi emergir, do ponto mais profundo dessa pirâmide, uma imensa pedra negra. Senti a força poderosa do Criador e da Criadora. Essa pedra simbolizava a união da Mãe Terra com o Pai Infinito. Eis o segredo de tanta fertilidade! Feminino e masculino unidos em um só!

Escutei um ruído no céu e era o irmão trovão a confirmar minha Visão. Abri os olhos, levantei-me e fui conversar com o xamã. Ele quase nada falou. Pegou-me pela mão e dirigiu-me ao caminho de volta, onde os aprendizados se sucederiam.

Faltava uma boa caminhada para chegar ao acampamento onde dormiríamos. O céu escureceu repentinamente: as nuvens ficaram pesadas e um ruído bem mais forte dos trovões se pronunciou. Caminhei o mais depressa que pude até avistar ao longe o acampamento. Pedi às avós que sustentassem mais um pouco a força das chuvas até que chegássemos às barracas. Elas asseguraram que falariam com as águas. “Continua, segue sem desviar a atenção do ponto onde queres chegar”, foi o que disseram. Segui firme em direção ao nosso destino. Os caminhos eram tortuosos e escorregadios, mas, enfim, estava chegando. Assim que entrei no abrigo principal, uma verdadeira tempestade desabou sobre a terra dos Andes. Olhei para os céus, agradei às avós, a todos os elementos, ao Grande Espírito. Chorei! Choveu e trovejou durante quase toda a noite.

Em meu sono, senti que o guardião dos sonhos velava por mim. Levou-me aos campos floridos do Peru, às cachoeiras da Chapada Diamantina e às terras de Chipre. Os primeiros raios de Sol anunciavam a chegada de um dia pleno de vida. Aquela terra havia passado por um processo intenso de purificação. Levantei-me, agradei à Existência cada segundo da minha vida e dirigi-me ao xamã para partilhar com ele as minhas visões. Sentia uma paz e uma ternura sem palavras! Ele confirmou, reafirmando com conhecimentos próprios tudo o que me fora revelado. As avós, aparentemente frágeis, são minhas guias maiores. Possuem um conhecimento original, xamânico, absolutamente exclusivo e sacerdotal. Comunicam-se comigo por meio do Ar, e a voz desse elemento é sempre o canal entre mim e o mundo.

Iniciamos a descida da montanha num ritmo suave, experimentando um sentimento de plenitude que raras vezes acontecia, olhando as árvores e o rio sagrado. Reconhecia as criatu

ras que ali moravam e, com muita atenção, pude perceber as diferentes formas através das quais os seres invisíveis se apresentavam. Eles se mesclavam às pedras, às folhas, ao caminho, enfim, a todo espaço onde houvesse natureza. Minha atenção voltou-se para uma pequena pedra que surgiu diante de mim. Peguei-a. Coisa rara, pois não costumo apossar-me de nada que encontro pelos caminhos que percorro no mundo. Vi seu formato perfeito: um sapo. Perguntando ao xamã o significado desse animal, ele riu e nada comentou. Permanecemos alguns dias no vilarejo onde havíamos chegado para prosseguir em minha iniciação. Durante todo tempo segurava firmemente a pedra que me havia sido presenteada. Não sabia por que o fazia. Suavemente, escutei minha Guiança dizer: "Agora!".

A noite se aproximava serena. O céu pleno de estrelas. Descansamos e, depois, sentados em volta de uma mesa, pude aprender, guiada pelo xamã, a preparar a oferenda para o ritual realizado dali a pouco. Cada peça e cada objeto colocado naquela mesa me deixava atenta e absolutamente fascinada. Sentia já saber todo aquele rito em alguma realidade paralela, pois tudo era muito íntimo, algo que meu ser conhecia há muito tempo! Após realizar a oferenda, fomos ao templo, aguardando o momento da ampliação de consciência. Na espera, ouvi a voz interna dizer: "Agora você será recebida e acolhida pelo animal que irá lhe proteger. Ele sempre lhe guardou, ainda que você não tivesse consciência dessa proteção. Sua consciência se ampliará e você terá o dom da lucidez sobre seu animal protetor".

Olhei e, diante de mim, surgiu um sapo enorme que me acolheu em seu corpo macio, dizendo: "Vais entrar em ti mesma e eu te protegerei, como jamais foste protegida". Grande Espírito, eis o sapo... Quanta perfeição em tudo, pensei, enquanto dizia em voz

alta: gratidão, imensa gratidão por tudo! Entreguei-me àquele corpo hospitaleiro e terno. Era do que mais precisava naquele momento, pois eu vinha de experiências absolutamente avassaladoras e bastante difíceis. Começamos a mergulhar no infinito de mim mesma e o ar chegou-me com uma velocidade estonteante; girávamos, eu e meu animal de proteção, como se fôssemos um furacão que abria um portal no Universo. Sim, o universo de mim mesma. Mergulhei em uma profunda escuridão. Não sentia nenhum medo, pois havia em mim a certeza de uma proteção sem precedentes no nível humano: ah! terra de mim mesma, universo de mim, eu...

À medida que me aprofundava em meu abismo, comecei a ver pontos azuis de luz. Em seguida, um grande círculo de luz azul apareceu. Entrei naquele círculo. O Ar pediu-me para sentar no centro. O sapo, com seus olhos pacíficos, olhava-me e dizia: "Tu foste e és uma das únicas pessoas com quem convivi que não se incomoda com minha aparência. Uma vez me beijaste e eu saí embaraçado, sorrindo, enquanto pensava: será que ela pensa que virarei príncipe? Sim, minha querida, sou o príncipe que canta nas lagoas, sou aquele que promove a limpeza e observa atentamente cada ser. Tu sempre dizes que, na vida, a canção e a música são fundamentais. Eu, com os pássaros e as cigarras, faço da canção nossa maior linguagem". Fiquei atenta, olhando aquele ser de beleza sem igual. Subi em suas costas, observando cada mancha sagrada de sua pele.

Desci e sentei-me novamente no centro do círculo azul. Escutei uma forte voz a dizer-me: "Quando os humanos decidem descer a este planeta, deslocam-se de um núcleo de luz como células transferindo-se de um grande corpo. Antes do deslocamento, fazem um pacto com a Fonte Original. Um propósito então é

definido para cada um. Ao se dirigirem ao planeta escolhido, o desígnio, transformado em energia vital, transmuta-se em um fio de luz que os liga ao Criador. Esse fio é o que se poderia chamar cordão umbilical energético. À medida que vão realizando o que vieram fazer, o fio vai sendo diminuído, até que retornam à Fonte Original". Minha Guiaça indicou-me: "Eis a voz do teu Avô, o Ar!". Num estado de êxtase, comecei a sentir minha respiração, o néctar da vida, o maná dos deuses. Respeitosamente, ousei perguntar: O que ocorre àqueles que não realizam o que prometeram?

Ele, o Ar, disse-me: "Estes dispersam a energia vital que, mal utilizada, será direcionada para fortalecer os caprichos do ego. Assim, as qualidades do apego e do medo, por exemplo, serão reforçadas, e o que seria libertação transforma-se em escravidão. Todos os que não cumpriram suas metas deverão retornar para este planeta ou a qualquer outro espaço cósmico para efetuar o aprendizado universal". Ao perguntar se retornam somente aqueles que não cumpriram suas metas, ele afirmou: "Não. Retornam também os seres de luz que, por um exercício de doação profunda, se dispõem a partilhar sua sabedoria em todo e qualquer tempo/espaço nos quais deles necessitem". Sentia-me uma aluna bebendo da Fonte, abençoada por poder receber aquelas pérolas advindas do meu Avô. Queria aprender, queria ser inundada pela sabedoria daquela energia.

E ousei perguntar se todo esse processo de saída e retorno à Fonte é o que chamam reencarnação.

Respondeu-me:

"Sim, chamam reencarnação, como poderiam colocar outro nome. O importante não é o nome em si, mas o que está além e dentro dele. O signo real. A palavra reencarnação é apenas um código criado por vocês. É preciso, contudo, ultrapassar esse

código e libertar a palavra para, assim, compreender o seu verdadeiro significado". A canção do silêncio imantou o espaço/tempo. Rememorei ensinamentos de minha mãe, a Terra, quando me revelou o significado do uso da palavra. Percebi que nada mais havia a perguntar àquele elemento tão amado. Creio mesmo que havia muito a perguntar e a aprender, mas senti que deveria silenciar e iniciar o processo de elaboração e decodificação de tudo que escutara.

O sapo acolheu-me e retornamos ao local onde a experiência se iniciara. Fiquei em quietude durante muito tempo, até que o xamã se aproximou de mim. Pegou-me delicadamente pelo braço e levou-me às pedras. Caminhamos muito tempo por entre as pedras daquele templo até que ele sugeriu que eu sentasse para olhar as estrelas. Fui percebendo suavemente que tudo que estava em cima estava embaixo. Mais uma vez senti: o que está fora está dentro — Fonte minha, tudo é a mesma coisa! Possuída por tamanhas revelações, pude aprender que o importante não era as estrelas ou as pedras em si, mas os espaços vazios que ficavam entre elas. Neles é possível realizar leituras significativas que auxiliariam a caminhada de cada ser nesta existência. O importante não era a inspiração ou a expiração em si, mas os espaços que havia entre os dois atos. Era nesse vazio que repousava o Mistério.

Fonte da Existência! Tanto tempo dediquei-me a olhar as estrelas, as árvores, as pedras, mas me esqueci de observar esses vazios cósmicos fantásticos com que Tu nos presenteia e que são verdadeiros sinais... Há quanto tempo os andinos nos falam desses vazios, desses signos, e eu sem poder escutá-los!

Tendo me deparado com essa revelação, pude perceber o templo na totalidade. Ele era um reflexo dos céus, projeção especular em que seres especiais puderam e podem perceber os

sinais da vida e da morte. Adormeci ali mesmo e, no dia seguinte, partilhei com o xamã todas aquelas revelações. Minhas células iam pouco a pouco absorvendo aqueles conhecimentos. Eu ia sendo preparada cada vez mais para a realização de minha missão aqui na Terra.

Tempos depois daquela experiência fui convidada a participar de uma vivência em uma comunidade muito especial para mim. Lá estava eu a experimentar o envolvimento com a música e o deslizar suave por entre as pessoas. Todo o meu corpo era som e vida. Enquanto girava, lembrava de pessoas que me eram queridas. Elas iam aparecendo na mente e eu, feliz, enviava a cada uma delas uma mensagem. Quis lembrar de um dos meus filhos e não consegui. A sua imagem não me chegava. Aparecia um vazio que não era possível preencher com sua imagem, tampouco com qualquer outra. Ficando desesperada, um choro incontrolável tomou conta de mim e saí dali aos prantos. Fui para o quarto, peguei a foto do meu filho e, olhando-a, não o reconhecia. Dizia: Meu Deus, meu Deus! Ajuda-me! O que está acontecendo comigo? De tanto chorar, adormeci. Quando despertei, a madrugada chegara; fui meditar.

Uma brisa suave penetrou no quarto, e sua voz disse: "Todos os teus apegos estão sendo trabalhados. Tu és um ser livre, mas tua tendência, como a de todo humano, é de agarrar-se às imagens, aprisionando-se e aprisionando-as. Lembras de tua última iniciação, onde eu te dizia ser preciso libertar a palavra para não tornar o nomeado um prisioneiro? Assim como vocês escravizam a palavra, querem também escravizar a imagem. Agora, te digo para ir além da imagem". Pedi ao Elemento Ar que explicasse o que queria realmente dizer. Meu Avô respondeu: "Sim, dar-te-ei um exemplo simples para facilitar tua compreensão. Se olhas para uma fruta, uma maçã, por exemplo, teus olhos se detêm na imagem da fruta.

Essa percepção inicial tem um nível de importância, mas o maior aprendizado, ou seja, o que está além da imagem, é o significado que a fruta traz em si. A maçã é, em muitas culturas, o símbolo do pecado e da tentação. A cada momento em que uma maçã é apresentada, uma memória é ativada e uma história religiosa se acopla àquela imagem. É isso que quero dizer quando falo: vá além. Falei-te da maçã, mas poderia falar de qualquer outra imagem, pois tudo traz em sua essência algo amplo e poderoso, algo que está além do primeiro olhar”.

Aquele momento estava grávido de ensinamentos. Assimilei a importância de cada palavra dita. Como uma peça de um grande quebra-cabeça, pude compreender por que não conseguira lembrar de meu filho. Precisei apagar a imagem para descobrir o grande amor que nutria por ele. O fardo da perda me fazia sair em busca.

Quantos ensinamentos valiosos! Meu amado, é bom demais voar! As asas... pensei eu... As asas... A águia. O voo da águia! É isto: o momento do voo da águia! “Para que a águia possa alçar voo, é preciso que ela seja livre”, disse-me minha Guiança. Cuidadosamente, ousei falar: meu Avô, eu já renunciei a tanta coisa na minha vida, tantos conceitos, tantos padrões... Deverei renunciar a mais algo? A Guiança respondeu: “Ao local onde habitas. Ele não mais te pertence e a ele foi destinado outro Serviço. Até então, ele acolhia tua família, mas, a partir de agora, lá deverão ser acolhidos inúmeros seres que vivenciarão seus processos de busca e aprendizagem”.

Meu primeiro pensamento foi imaginar como renunciaria ao único espaço que tinha para morar com minha família. Como que respondendo à minha indagação, a voz falou: “Sei em que pensas, mas creia, esse local verdadeiramente jamais te pertenceu. Apenas

estava sendo preparado para essa ocasião de passagem. Em breve, será uma bela Comunidade. Confia!”.

O Ar silenciou. Eu fiquei quieta. Meu corpo mal respirava e meu coração batia ritmado, silencioso. Sentei à mesa e comecei a escrever. A escrita para mim era e é vital. Minha mão escrevia, guiada por uma força invisível, o início do projeto de um Centro de Luz. A energia estava presente e pulsante.

No dia seguinte, retornei à minha cidade. Meu corpo sentiu medo. Ao chegar em casa, fui recebida por minha família, e meu filho pequeno me abraçava, chamando “mamãe!”. Só naquele instante eu o reconhecia. Abracei-o e chorei um choro de reencontro e vida. Minha mente exigia que eu dissesse tudo o que se passara comigo — já conhecia as exigências dessa parte de mim, que quer, a todo custo, dominar. Pedi-lhe que tivesse calma, pois no momento apropriado falaria.

À noite, conversando, expus que aquele sítio não era mais nosso, e precisávamos sair dali. Meu companheiro à época olhou para mim espantado e disse: “Vamos para onde?”, ao que respondi: não tenho a menor ideia. Só sei que temos de sair. Fui para o quarto quase correndo, e um pânico invadia meu corpo físico. Pedi ajuda à Fonte Existencial e ao Elemento Ar que, com sua voz suave, falou-me: “O caminho é este, nem um passo de recuo. Confia!”.

Como fazia há mais de 25 anos, no dia seguinte meu ex-companheiro foi ao mesmo trabalho, com as mesmas providências e necessidades. Lá chegando, soube que a instituição em que trabalhava voltara a fazer empréstimos para que funcionários adquirissem moradia. Assim é que tivemos a possibilidade de sair da chamada “Vila Kennedy”, que, hoje, anos depois, transformou-se na Fundação Terra Mirim — Centro de Luz.

Depois disso, fui compreendendo cada vez mais minha ligação com este elemento, meu Elemento de Poder. Senti que poderia indagar sobre a presença do ser físico que estaria junto a mim, representando-o.

Certo dia, na clínica, como de costume, atendia às pessoas quando, às dezesseis horas, uma senhora entrou em minha sala acompanhada de sua filha. Falou-me de seu sintoma enquanto a filha, silenciosa, observava. Escutei a voz da mãe e senti o silêncio da filha. Orientei a primeira por meio da palavra, e comuniquei-me com a segunda através da linguagem sem palavras.

Meses depois, recebia aquela mulher quieta que dizia querer se conhecer. Indiquei-a para iniciar um trabalho em grupo, e ela principiou, lentamente, seu processo de autoconhecimento. Fui percebendo sua maior dificuldade: a de encarnar. “Não me sinto daqui, tudo é muito estranho para mim” dizia-me inúmeras vezes. Havia nela uma espécie de ausência da realidade e, conseqüentemente, uma dificuldade enorme em desvelar as palavras e os códigos que lhe eram passados.

Seu olhar vagava, angustiado, querendo compreender. Sua boca movimentava-se para falar, mas muitas vezes ficava entreaberta, pois não sabia fazê-lo! Como uma criança, assustava-se com o sopro de vida das outras pessoas. Quantas vezes a vi sendo julgada, criticada e condenada! Quantas vezes nada pude fazer, sabia e sentia ser seu processo de encarnação... Meu coração se conectava ao dela e meu olhar a acolhia. Que mulher era essa, meu Deus, que como uma folha ao vento se lançava e era levada pelos caminhos da existência, sem nada compreender? Comecei a percebê-la cada vez mais em sua entrega e em seu ato de amor. Em um dos rituais onde o Ar exercia seu poder, minha voz interna segredou-me: “Ela tem em si as características que me representam. As pessoas que

me têm como Elemento Aliado apresentam as virtudes de serem sonhadoras, ausentes, dispersivas, idealizadoras, sem força aparente para concretizar seus sonhos, porém, equilibrando todas essas frágeis qualidades, trazem em sua essência as virtudes da honestidade, altruísmo, devoção e leveza. Existem por misericórdia, por isso têm grande possibilidades de descobrir o amor, o verdadeiro amor.

Olhando ternamente para a Mulher Ar, pude ver que, em sua vida, ela passaria por testes quase insuportáveis. Ficaria completamente esvaziada materialmente, pois em suas iniciações deveria estar limpa para receber os ensinamentos. Ó! Fonte das Fontes, misericórdia! — clamei aos céus.

Olhava-a caminhar; sentia amor profundo e compaixão, pois sabia dos testes pelos quais teria de passar. Ela foi chegando cada dia mais próxima a mim, até compreender que seu trabalho era ligado ao meu, e tudo, absolutamente tudo mudou em sua vida. Os valores foram literalmente jogados ao vento. Como um furacão, o ar muitas vezes lhe foi tirado, e ela, quase sem vida, renascia. “Preciso mudar meu nome, ajuda-me!” — disse ela certa vez. Imediatamente, minha Guiança me confidenciou um belo nome. Depois dessa iniciação, compreendeu muito mais de si. Não mais se assustava com as críticas ou os julgamentos externos. Sua mente organizou-se, e é uma das mulheres mais criativas que conheço.

Foi dessa maneira que pude vivenciar minhas iniciações; meus mestres me nutrem sempre que preciso. A vida me ensinando a própria vida. Alguns ensinamentos, quando estou em sintonia com meu coração, consigo aprender, tornando-me, ao menos por alguns segundos, uma iluminada — aquela que compreende. Outras vezes, quando estou distante de mim mesma, a sabedoria desliza por

entre meus dedos e, então, povoo o espaço não criativo do universo solitário que me habita.

Em todo e qualquer momento agradeço à Fonte da Existência cada experiência que me é permitida viver, ainda que não corresponda ao desejo que meu ego determinou. Dessa forma, segundo a segundo, sigo minha trilha com os únicos pertences que realmente o/a Criador/a me concedeu: minha alma e meu coração.

PALAVRA FINAL

Assim falaram os quatro elementos. Disseram-me e dizem revelações que, dentro de um senso comum, jamais se poderia compreender. Cada vez mais, para mim, torna-se claro que viver é o ato bendito que o Cosmos nos concede. Aprendo também, a cada instante, a me deliciar com a natureza, e percebo que, quanto mais mergulho em mim, mais mergulho em cada elemento da vida.

Às vezes, perceber profundamente a vida é extremamente doloroso. É algo que desvela jogos, padrões e vícios que nem sequer sonhávamos existir. Ao mesmo tempo, este mergulho nos concede possibilidades inimagináveis, e verdadeiramente nos outorga a possibilidade de assumir a responsabilidade pelo nosso próprio destino. Nesses momentos, sinto-me solitária, e meu único desejo é o de recolher-me às montanhas, ao silêncio que me habita e que tanto busco. Quando assim estou, olho as estrelas, percebo o dia, a noite, as estações do ano, e retomo o meu caminho de estar no mundo, doando o que me é possível doar e aprendendo o que me é possível internalizar.

Sinto uma gratidão profunda por todos aqueles que estão comigo nessa devocional caminhada. Dizer o nome de cada um é praticamente impossível, pois poderia cometer o equívoco do esquecimento. Agradeço àqueles que compreendem a minha Tarefa; eles são meu suporte fiel e seguro. Agradeço também aos que não compreendem meu Serviço, pois cada pedra que me atiram servirá à construção do templo que me acolherá um dia.

A XAMAM

A XamAM – Alba Maria–, como hoje é conhecida internacionalmente, é daquelas pessoas que vivem em contínuo processo de transformação. No final dos anos de 1980, iniciou seu trabalho de conhecimento do ser humano e de compreensão de atitudes, valores e formas através dos quais as pessoas se expressam. Mesclando os princípios da Psicologia às práticas xamânicas, ela trabalhou e trabalha com milhares de pessoas, tanto ao nível individual como em grupo. É ela mesma que conta: “Quando senti estar começando a me tornar viciada em viver da dor humana e a sobreviver, financeiramente falando, dos processos emaranhados que criamos, decidi refletir e me perguntar o que realmente eu queria escutar no meu cotidiano, com quem eu gostaria de conviver. Tomei a difícil decisão de parar e mudar tudo. Difícil, porque amava meu trabalho e todas as pessoas que dele faziam parte, mas queria escutar sobre a felicidade, queria conviver com pessoas que pudessem rir e cantar celebrando o ato de viver”.

Foi assim que se dedicou a viajar pelo mundo, aprendendo novas formas de convívio e fortalecendo seu ser para se dedicar à execução de seu grande Sonho: a construção e o fortalecimento de uma comunidade, a atual Fundação Terra Mirim — Centro de Luz (fundada em 1992), organização referência, no Brasil e em alguns países da Europa, em Autoconhecimento, Xamanismo, Gestão Solidária e Desenvolvimento Comunitário. Considere rada uma XamAM que mergulha nos mistérios espirituais e uma ativista

comunitária, pode-se encontrar Alba Maria cantando, dançando, rindo e repassando conhecimentos: “Deus/a é um Ser tão perfeito/a que dentro d’Ele/a próprio/a está embutida a imperfeição”.

Dedicada à Causa que serve, ao amor à Natureza e à Deusa Mãe, vive seu cotidiano com sua comunidade em um exercício constante de despertar interior.

Outros títulos da XamAm Alba Maria:

» Sussurros da Natureza

» Preces Xamânicas

» As Avós

www.adorok.com.br